



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA- UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS- DCH VI/ CAETITÉ
COLEGIADO DO CURSO DE GEOGRAFIA**

**DAIANE SILVA OLIVEIRA
VERA LUCIA SANTOS CRUZ**

**ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO GEOGRÁFICO NA EDUCAÇÃO DE
JOVENS, ADULTOS E IDOSOS EM TANQUE NOVO – BAHIA**

**CAETITÉ, BAHIA
2025**

DAIANE SILVA OLIVEIRA
VERA LUCIA SANTOS CRUZ

**ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO GEOGRÁFICO NA EDUCAÇÃO DE
JOVENS, ADULTOS E IDOSOS EM TANQUE NOVO – BAHIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Colegiado de Geografia como exigência parcial para
obtenção do Título de Licenciada em Geografia.
Orientadora: Prof^ª. Mestra Euvania Máira Silva
Moura.


**CAETITÉ, BAHIA
2025**

DAIANE SILVA OLIVEIRA
VERA LUCIA SANTOS CRUZ


Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado de Geografia da Universidade do Estado da Bahia, como exigência parcial para obtenção do Título de Licenciadas em Geografia, sob a orientação da Prof.ª Mestra Euvania Máira Silva Moura.


Aprovado (a) com média: 10,0

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 EUVANIA MAIRA SILVA MOURA
Data: 12/01/2025 14:22:49-0300
Verifique em <https://validar.lti.gov.br>

1º Examinadora (Profa. Ma. Euvania Máira Silva Moura – Orientadora, Mestra em Ensino, Linguagem e Sociedade - PPPGELS, UNEB)


2º Examinadora (Profa. Ma. Carliane Teixeira Santos, Mestra em Ensino, Linguagem e Sociedade - PPPGELS, UNEB)


3º Examinador (Prof. Osvaldo de Jesus Cruz, Professor Mestrando em Ensino, Linguagem e Sociedade- UNEB)

Caetitê, Ba. 08 de Dezembro de 2025

AGRADECIMENTOS

AGRADECIMENTOS - DAIANE SILVA OLIVEIRA

Agradeço primeiramente a DEUS, por abençoar o meu caminho, tanto na Graduação quanto em toda a minha vida. Por me conceder força nos momentos de angústia e desespero, nos quais muitas vezes pensei em desistir. Chegar até aqui não foi nada fácil, mas em meio aos obstáculos encontrei força e coragem para seguir em frente, confiando que Deus estava sempre ao meu lado. “Entrega o teu caminho ao Senhor; confia nele, e ele tudo fará” (Salmos 37:5).

Agradeço ao meu esposo APARECIDO, que em meio às dificuldades sempre esteve ao meu lado, me apoiando e incentivando nos momentos difíceis. Agradeço à minha filha EMILLY pela paciência e compreensão, pois em muitas vezes estive ausente, mas com o coração apertado, tendo a certeza de que dias melhores iriam chegar. Hoje, olho para trás e percebo que cada dificuldade e lágrima derramada valeu a pena.

Agradeço ao meu pai JOAQUIM, que nunca me deixou faltar nada; mesmo trabalhando na lavoura, com muito esforço e sacrifício permitiu que eu chegasse até aqui. Agradeço à minha mãe EDILCE pelo cuidado e dedicação, sendo o meu suporte para o cuidado com minha filha nos momentos em que precisei. Por ser analfabeta, sempre me incentivou a continuar na Universidade. Hoje, tenho orgulho de dizer que ela se matriculou na Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI).

Agradeço aos meus irmãos JAILSON e ISAILTON pelo companheirismo de sempre, pela disponibilidade de me ajudarem quando tanto precisei. Agradeço aos PROFESSORES DO EJAI pela disponibilidade e comprometimento em aceitarem compartilhar suas percepções e desafios enfrentados frente à sala de aula. Agradeço à DIREÇÃO DA ESCOLA CENTRO EDUCACIONAL ALZIRA ALVES CARNEIRO por abrir as portas para que nossa pesquisa fosse efetivada.

Agradeço à UNEB por tornar meu sonho, realidade.

Agradeço à minha dupla VERA LÚCIA, que partilhou o mesmo sonho que eu; essa parceria vai muito além da construção desse trabalho, foi a pessoa que esteve sempre ao meu lado durante esses quatro anos. Agradeço pelo seu companheirismo, dedicação e sua amizade.

Agradeço aos meus COLEGAS DE SALA, foram quatro anos de jornada acadêmica em que compartilhamos experiências, angústias e alegrias; foram momentos memoráveis que ficarão em nossas memórias para sempre.

Agradeço à professora EUVANIA pela dedicação, paciência e profissionalismo, que muito nos orientou e acompanhou durante toda a construção dessa pesquisa, sendo fundamental para nos motivar a ir além. Agradeço também aos demais PROFESSORES que de alguma forma contribuíram para minha formação.

AGRADECIMENTOS – VERA LUCIA SANTOS CRUZ

Concluir essa jornada não foi algo fácil, mas prazeroso. Durante esse período, vários momentos foram desafiadores, mas em nenhum momento houve o desejo de desistir, pois a ânsia sempre foi o mesmo de vencer, não só por mim, mas, principalmente pela minha mãe, que tanto se doou para concretização desse sonho.

Acima de tudo, agradeço A DEUS que sempre esteve comigo nas horas mais difíceis da minha vida, e nunca permitiu que o desejo de desistir me alcançasse, “Consagre ao senhor tudo o que você faz, e os seus planos serão bem-sucedidos” (Provérbios, 16:3).

Agradeço a minha MÃE MARIA por ser minha âncora em todos os momentos, e por nunca permitir que eu pensasse em desistir. Agradeço eternamente, de maneira especial meu PAI JOSÉ (*in memoriam*) que tenho inteira convicção que esse sonho tem parte dele, e sei que está orgulhoso com a realização.

Agradeço a minha IRMÃ VILMA, pela amizade, disponibilidade, e apoio de sempre, suas palavras de carinho foram cruciais para concretização desse trabalho.

Agradeço aos PROFESSORES DO EJAI, que disponibilizaram tempo, e compartilharam suas lutas e desafios enfrentados em sala de aula, sem a percepção de vocês a pesquisa não seria atingível.

À UNEB pela viabilidade de tornar possível esse sonho, meu e de minha dupla.

À DAIANE que durante os quatro anos enfrentou comigo todos os obstáculos, sendo apoio e calma. Agradeço pela paciência para comigo. Foi um grande privilégio dividir esse sonho com alguém tão prestativa. Assim como diz Raul Seixas “Um sonho que se sonha só é só um sonho, sonho que se sonha junto é realidade”.

Agradeço aos meus colegas de turma por terem sido parte da minha jornada acadêmica, a troca de experiência, o apoio mútuo e a amizade tornaram essa caminhada memorável.

Agradeço a minha orientadora EUVANIA, pela dedicação, profissionalismo, orientação precisa e o apoio constante ao longo deste trabalho, obrigada pelas sábias contribuições e por fazer parte dessa vitória. A todos, minha sincera gratidão por contribuir direta ou indiretamente para a realização deste trabalho.

RESUMO

A Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI) constitui uma modalidade de ensino fundamental para a promoção da cidadania e inclusão social de indivíduos que não tiveram acesso à escolarização na idade apropriada. Dessa forma, o processo de alfabetização e letramento geográfico se torna um passo crucial para que os alunos sejam sujeitos críticos e reflexivos na realidade em que está inserido. Como objetivo, a pesquisa consistiu em compreender como a alfabetização e o letramento geográfico contribuem para o desenvolvimento da leitura espacial dos alunos da EJAI. Para o desenvolvimento teórico e metodológico foi traçado o percurso da pesquisa que se baseou na revisão bibliográfica, na qual foram abordadas as questões que envolvem a Alfabetização e o Letramento Geográfico. No processo de produção das informações, foi empregado um questionário semi estruturado, desenvolvido com 02 (dois) professores atuantes da Escola Municipal Centro Educacional Professora Alzira Alves Carneiro dos anos finais do Ensino Fundamental da EJAI no Município de Tanque Novo Bahia. Assim, os resultados apontaram que os alunos do EJAI possuem dificuldades quanto ao ensino de Geografia, dificuldades estas relatadas pelos professores, como a desmotivação e a falta de interesse dos estudantes em sala de aula. Fica evidente que os professores muitas vezes encontram dificuldades em correlacionar os conteúdos programáticos com a realidade dos alunos, ou deixam de investir em práticas pedagógicas que consigam despertar o interesse dos mesmos, visando o modelo tradicional de ensino e não apostando em aulas lúdicas para uma melhor compreensão dos conteúdos abordados. Em suma, a pesquisa destaca a necessidade de uma abordagem mais contextualizada e inovadora no ensino de Geografia para os alunos da EJAI, visando promover a inclusão social e a cidadania. Além disso, é fundamental que os professores sejam formados para desenvolver práticas pedagógicas eficazes e adaptadas às necessidades dos alunos da EJAI.

Palavras-Chave: Alfabetização Geográfica. Letramento Geográfico. Professores da EJAI, Educação de Jovens, Adultos e Idosos.

ABSTRACT

Adult, Youth and Elderly Education (EJAI) constitutes a fundamental teaching modality for the promotion of citizenship and social inclusion of individuals who did not have access to schooling at the appropriate age. Therefore, the process of geographical literacy and reading comprehension becomes a crucial step for students to be critical and reflective subjects in the reality in which they are inserted. The objective of this research was to understand how geographical literacy and reading comprehension contribute to the development of spatial reading skills in EJAI students. The theoretical and methodological development of the research was based on a literature review addressing issues related to geographical literacy and reading comprehension. In the data collection process, a semi-structured questionnaire was used, developed with two teachers working at the Municipal School Centro Educacional Professora Alzira Alves Carneiro in the final years of elementary education in the EJAI program in the municipality of Tanque Novo, Bahia. Thus, the results indicated that EJAI students have difficulties with Geography education, difficulties reported by teachers, such as demotivation and lack of interest from students in the classroom. It is evident that teachers often find it difficult to correlate the curriculum content with the students' reality, or fail to invest in pedagogical practices that can spark their interest, focusing on the traditional teaching model and not using playful lessons for a better understanding of the content covered. In short, the research highlights the need for a more contextualized and innovative approach to Geography teaching for EJAI students, aiming to promote social inclusion and citizenship. Furthermore, it is essential that teachers are trained to develop effective pedagogical practices adapted to the needs of EJAI students.

Keywords: Geographic Literacy. Geographic Literacy. EJAI Teachers, Education for Young People, Adults and Seniors.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Percursos metodológicos	20
Figura 02 – Localização da escola Centro Educacional Alzira Alves Carneiro e do Município de Tanque Novo na Bahia.....	41
Figura 03 – Imagem da Professora Alzira Alves Carneiro.....	42
Figura 04 – Mosaico da escola Centro Educacional Professora Alzira Alves Carneiro.....	42
Figura 05 – Compreensão da geografia e sua contribuição na formação dos discentes.....	48

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - A importância da Educação de Jovens, Adultos e Idosos.....	45
Quadro 2 - Os conceitos de alfabetização e letramento geográfico.....	49
Quadro 3 - As estratégias de ensino, principais desafios e dificuldades dos estudantes.....	51

LISTA DE SIGLAS

CEPAAC – Centro Educacional Professora Alzira Alves Carneiro

EJA – Educação de Jovens e Adultos

EJAI – Educação de Jovens, Adultos e Idosos

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LDB – Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional

OMS – Organização Mundial da Saúde

OPAS – Organização Pan-Americana da Saúde

PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência

PNE- Plano Nacional de Educação

TOPA – Programa Todos Pela Alfabetização

UNEB – Universidade do Estado da Bahia

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 Metodologia.....	18
2 O ENSINO DE GEOGRAFIA: POSSIBILIDADE DE UMA VISÃO CRÍTICA DE MUNDO.....	21
2.1 O papel do professor no processo de ensino e aprendizagem da Geografia.....	23
3 EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E O ENSINO DA GEOGRAFIA.....	29
3.1 Alfabetização e letramento geográfico na EJA: leitura e entendimento de mundo...	34
4 A CIDADE E A INSTITUIÇÃO: CONHECENDO O LOCAL DA PESQUISA	40
4.1 Análise dos questionários dos professores.....	43
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
6 REFERÊNCIAS	56
7 APÊNDICE.....	62
APÊNDICE A - Questionário aplicado aos professores de Geografia.....	62
9. ANEXO.....	63
ANEXO A- Declaração de (não) uso de inteligência artificial.....	63
ANEXO B- Declaração de inexistência de plágio.....	64

1 INTRODUÇÃO

Eu Daiane Silva Oliveira, sou uma das poucas em minha família a ingressar em uma Universidade Pública. Venho de uma família em que a maioria não foi alfabetizada na idade correta¹, tendo que trabalhar desde cedo para ajudar a família no sustento do lar, meu pai sequer teve a oportunidade de frequentar uma escola quando criança, e minha mãe estudou até a 4ª série (quarta série), o que corresponde atualmente ao 5º ano (quinto ano) do Ensino Fundamental da Educação Básica, conforme o Plano Nacional de Educação - PNE (Brasil, 2001). Como não tiveram oportunidade de concluir a educação básica, meus pais sempre incentivavam, eu e meus dois irmãos, a irmos para a escola. Eles diziam "se vocês querem ter um futuro diferente do nosso, tem que estudar".

O analfabetismo acompanhou minha história como meu pai e minha mãe, não sabiam ler e escrever, ainda pequena presenciava meu pai sempre indo a outras residências a procura de pessoas que soubessem ler e escrever para se comunicar com familiares em São Paulo. O analfabetismo dos meus pais implicava também na vida de seus filhos, eu e meus irmãos tínhamos dificuldades em responder as tarefas escolares, pois não contávamos com a ajuda dos nossos pais, sentia que isso também os incomodava já que os limitavam em diversos trabalhos e funções.

Meus pais até se matricularam no TOPA (Programa Todos Pela Alfabetização), que segundo Barreto e Souza (2015), é uma política pública com o objetivo de atender ao público que não foi alfabetizado na idade regular, e visa garantir a alfabetização inicial e inclusão escolar da população na Bahia. As aulas eram ministradas a noite na casa da minha avó, por nossa vizinha que na época cursava o Ensino Médio, ainda me lembro da felicidade de todos nós em irmos para casa da minha avó todas as noites. Entretanto, por ter duração apenas de quatro meses, meus pais não continuaram e acabaram esquecendo quase tudo que tinham aprendido.

Mesmo com as dificuldades de leitura e escrita dos meus pais nunca tive problemas com os estudos, sempre gostei de estudar e aprender coisas novas, via nos livros e cadernos uma forma de diversão. Por ser de uma família de baixa renda não tínhamos muitas opções de brinquedos, via nos estudos uma forma de mudar a condição social da minha família.

¹Atualmente, existe o Compromisso Nacional Criança Alfabetizada lançado pelo Ministério da Educação em 2023, tendo como objetivo garantir que as crianças aprendam a ler e a escrever na idade certa – até os sete anos, ao final do 2º ano do Ensino Fundamental –, além de garantir a recomposição das aprendizagens de 100% das crianças matriculadas no 3º, 4º e 5º anos, tendo em vista o impacto da pandemia para esses alunos (Mec, 2023).

Assim, no ano de 2003 aos cinco anos iniciei como discente na Escola Municipal Ana Nery, na comunidade de Noruega no município de Paramirim- BA. Em 2009, para terminar o Ensino Fundamental encontrei muitas dificuldades, pois me deslocava para a cidade de Paramirim todos os dias percorrendo uma distância de 28 km, para estudar no Colégio Municipal Ulisses Cayres de Brito. No ano de 2013, em busca de condições de vida melhor, minha família mudou-se para o município de Tanque Novo-BA, onde continuei meus estudos e cursei o Ensino Médio regular, terminando no ano de 2015.

Nessa época não imaginava fazer uma graduação, terminei o Ensino Médio e comecei a trabalhar. Os anos se passaram e no ano de 2021 fiz o ENEM (Exame Nacional de Ensino Médio), somente por experiência. No entanto, consegui alcançar uma nota que permitiu ingressar na Universidade Pública, sendo motivo de muita alegria para toda minha família. Lembro-me que desde criança tinha o desejo de lecionar, brincava de escolinha com minhas amigas. Mas não imaginava que esse sonho um dia poderia se tornar realidade. Imagina! Filha de um pequeno agricultor e uma dona de casa ingressa em uma Graduação em Licenciatura.

Entretanto, esse momento me trouxe inúmeras incertezas, casada e mãe, imaginava como conseguiria conciliar minha vida pessoal e meus estudos em outra cidade, vivemos em uma sociedade patriarcal², em que a mulher historicamente é a maior responsável pelo lar e pela criação dos filhos, mas com o apoio de minha família decidir fazer a matrícula. Ingressei no curso de Licenciatura em Geografia na Universidade do Estado da Bahia- UNEB – *Campus VI*, no ano de 2022.

Ainda com muitas dificuldades, estávamos no fim da pandemia do novo coronavírus, declarada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 30 de janeiro de 2020, conforme a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS, 2020). Assim, o retorno às aulas aconteceu progressivamente e como estratégia para contê-lo a transmissão do coronavírus, as aulas eram ministradas 70% presencial e 30% de forma remota.

Entre 2015 e 2022 não tive nenhuma experiência com os estudos, então quando ingressei na universidade enfrentei vários problemas como a adaptação a rotina de estudos e também por não saber e não usufruir das novas tecnologias. Ainda assim, tive o apoio de vários colegas que fizeram parte do meu processo e contribuíram para que eu chegasse até aqui. Na Universidade, fui bolsista no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), sendo o

²Na sociedade patriarcal, às mulheres destinavam-se à obediência e a procriação. Eram “boas” esposas e “boas” mães, e pertenciam ao espaço doméstico. Através da imagem de fragilidade física da mulher construiu-se que a sua natureza era inferior ao home. Ela estaria propensa à passividade, à submissão, à docilidade, à meiguice e à clareza dos sentimentos. Deveria ser exemplo da moral e dos bons costumes. Então lhe era negado o direito de estudar ou de manifestar-se socialmente. (Silva, 2010, p. 28)

incentivo para continuar na trajetória docente, ser professora era o que eu queria me tornar, pois acredito que a educação é capaz de transformar a sociedade em que vivemos.

Eu, Vera Lucia Santos Cruz, fui a primeira a ingressar no Ensino Superior, especificamente em uma universidade pública, a maioria da minha família principalmente do sexo feminino estudou até a quarta série o que corresponde atualmente ao 5º ano (quinto ano) do Ensino Fundamental da educação básica, conforme o Plano Nacional de Educação PNE (Brasil, 2001). Dentre as ancestralidades que não conseguiram terminar o ensino básico neste período, pelas dificuldades e desafios em se deslocar para a cidade, está minha mãe, que depois de vinte anos, que se casa e têm duas filhas, eu e minha irmã Vilma Santos Cruz, volta à escola, mais precisamente a EJA.

Minha trajetória escolar teve início no ano de 2006, aos quatro anos iniciei como discente na escola Municipal José Onório na comunidade de Vereda Funda no município de Tanque Novo. No ano seguinte, no dia 30 de agosto de 2007 tive uma perda significativa em minha vida, foi quando meu pai foi morar com Deus, aquela falta, a saudade se tornou incentivo para me tornar o que me tornei, aqui estou com meus 24 anos enquanto perdi a presença física do meu pai aos meus sete anos.

Assim como diz Fernando Sabino,

De tudo ficaram três coisas: A certeza de que ele estava sempre começando, a certeza de que era preciso continuar e a certeza de que seria interrompido antes de terminar. Fazer da interrupção um caminho novo, fazer da queda um passo de dança, do medo uma escada, do sonho uma ponte, da procura, um encontro.

Ao passar dos anos fui vivenciando as lutas da minha mãe para não deixar faltar nada para mim e para minha irmã, diariamente fui vendo-a transformar o pior no melhor que tinha a nos oferecer e nisso foi desencadeando em mim à vontade de estudar para conseguir ter uma profissão melhor para proporcionar a ela condições melhores de sobrevivência, e ao meu pai (em memória) tivesse orgulho de quem me tornei.

Após dois anos da sua partida, mudamos para o povoado do Caldeirão, onde me encontro até os dias atuais, estudei a terceira e quarta série na escola Municipal do Caldeirão que também pertence ao município de Tanque Novo. Logo depois, fui estudar na cidade (sede) na escola Centro Educacional Alzira Alves Carneiro, instituição que estudei por cinco anos concluindo meu Ensino Fundamental. Neste período, repeti a sexta série atualmente (sétimo ano), pois tinha muita dificuldade em algumas disciplinas e o tempo para estudar em casa era escasso, já que tinha que fazer os afazeres domésticos, ajudar minha mãe porque para ela não teríamos futuro nenhum estudando e sim, trabalhando como doméstica como ela trabalhava,

dizia sempre que "pobre não estudava".

Ainda se tratando da minha guerreira mãe, o ano era 2012, quando decidi voltar a estudar depois de anos trabalhando como doméstica, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) surge como divisor de águas em sua vida, pois foi ali que ela descobriu a importância de estudar e como seria gratificante se formar, mesmo com os desafios diários, pois precisava associar o trabalho durante o dia, com as aulas à noite. Com muita determinação e dificuldades enfrentadas ela concluiu em 2015 seu estudo, com isso ela se formou, motivo de muito orgulho para nossa família e sua própria realização depois de não acreditar que o "pobre não poderia estudar".

A conquista da minha mãe se tornou mais uma justificativa de que eu não poderia parar. Em 2017, comecei no Ensino Médio terminando em 2019, no Colégio Estadual de Tanque Novo. Ao finalizar fiz o ENEM obtendo nota satisfatória para adentrar a universidade, pois, era minha meta. Porém, no momento de lançar a nota em 2020 veio um novo desafio, declarado pela Organização Mundial de Saúde (OMS), um surto do novo coronavírus, e em seguida em março foi decretado uma pandemia, foi quando o medo tomou conta, impedindo-me de inscrever em uma universidade, naquele momento tinha muito receio de me distanciar da minha família.

Em meio a preocupação do que fazer da vida me deparei com uma proposta de emprego em junho de 2020 e então resolvi trabalhar como babá para ajudar minha mãe em casa. Mesmo com receio do que poderia acontecer resolvi fazer o ENEM novamente e não conseguir um resultado satisfatório, pois também não estava estudando. No ano de 2021, fiz o ENEM novamente e sim, em 2022 consegui ingressar na universidade pública, motivo de muito orgulho para minha família, especificamente para minha mãe que orava sem cessar para que eu adentrasse a uma Universidade e realizasse meu sonho.

No ano de 2022,1 ingressei-me no curso de Licenciatura em Geografia na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), no início foi muito desafiador, pois o ensino contava com 30% remoto e outros 70% presencial, mesmo com várias perdas, conseguimos vencer aquele momento tão turbulento. Ademais, tive uma motivação para continuar seguindo este sonho que foi ser bolsista no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), que me deu entusiasmo para arcar com as despesas para continuar na universidade, e consequentemente, concluir os estudos.

Desse modo, como filhas de pais com “pouco estudo”, sentimos a necessidade de compreender como se dá à alfabetização e o letramento geográfico na EJAI (Educação de Jovens, Adultos e Idosos), uma vez que o programa tem a possibilidade de desenvolver e construir juntamente aos discentes aprendizagens críticas acerca da sociedade, como também

da realização pessoal, já que atende alunos e alunas que saíram da escola para trabalhar, outros que de alguma forma tiveram problemas no ensino regular e repetiram a série em que estavam uma ou mais vezes. E, ao retornar à escola esperam concluir as etapas da educação básica.

Associar trabalho com estudo é algo muito desafiador, ainda mais quando essas pessoas precisam deslocar de um lugar para o outro, enfrentam questões estruturais socioeconômicas e o próprio racismo, questões, que afetam o acesso e permanência na escola. O Ministério da Educação, publicou que “Cerca de 11,4 milhões de brasileiros com mais de 15 anos não estão alfabetizados, de acordo com o Censo Demográfico de 2022, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Segundo (Bahia 2025), em 2024, o número de analfabetos (1,2 milhão de pessoas de 15 anos ou mais de idade) e a taxa de analfabetismo (9,7%) seguiram em queda na Bahia, sendo que seis em cada dez pessoas que não sabem ler nem escrever são idosos. Ainda há 1.008 municípios que não ofertam Educação de Jovens e Adultos, segundo o Censo Escolar 2023.

A ineficiência da alfabetização na fase inicial resulta em altos índices de analfabetismo, assim Ramos (2021), nos revela que “No Brasil, ainda temos 11 milhões de pessoas com 15 anos ou mais que não sabem ler e escrever uma simples frase ou fazer uma simples operação matemática. Isso corresponde a 6,6% dessa faixa populacional. No Nordeste, esse percentual salta para 13,9%. A maioria tem mais de 60 anos de idade e vive na zona rural, dessa maneira, no Brasil a desigualdade na alfabetização é um reflexo das disparidades educacionais como também são socioeconômicas. Crianças de famílias com menos recursos ou que vivem em áreas rurais frequentemente têm menor acesso à educação de qualidade, resultando na desistência, evasão escolar por condições precárias.

É notório que o analfabetismo sendo designado como a não condição que o indivíduo tem de ler e escrever é considerado como uns dos maiores problemas brasileiros, uma vez que para um país ter um desenvolvimento efetivo, necessita de uma educação de qualidade, que persista na sociedade. Porquanto o processo educacional tem base primordial na alfabetização, se maioria da população não consegue ler e nem escrever, conseqüentemente o índice de analfabetismo progride anualmente.

Com isso, a educação é um dos principais pilares para um país desenvolvido, deve levar em consideração a importância da alfabetização, pois é a primeira etapa da educação formal e vai servir como base para o aprendizado de todos os outros conteúdos, sem dominar a escrita e a leitura os estudantes provavelmente irão encontrar dificuldades em compreender os conteúdos mais complexos, é durante a alfabetização que as crianças encontrarão e desenvolverão suas habilidades essenciais, como a capacidade de pensar criticamente, e compreender o mundo ao

seu redor.

Dessa forma, Souza (2013), afirma que o letramento geográfico refere-se à capacidade de as pessoas usarem informações cartográficas para compreender o mundo ao seu redor. Isso vai incluir habilidades como ler mapas, entender gráficos, interpretar dados espaciais e ter noção de localidades. O pouco letramento geográfico pode limitar o entendimento das pessoas sobre as questões sociais, econômicas e como também ambientais, com isso está interligada a vida como um todo, pois, pode interromper diretamente na aquisição de conhecimentos futuros. Com isso, a alfabetização e o letramento geográfico são duas questões importantes que refletem o estado da educação brasileira e a compreensão espacial da população.

A Constituição Federal (Brasil 1988), Art.205 garante que a educação é direito de todos e um dever do Estado e da família. No entanto, no século hodierno uma parcela da população brasileira não é alfabetizada, interferindo assim na sua vivência social, pois muitas pessoas necessitam de ajuda com questões básicas como visitar uma cidade, ler uma bula de remédio ou fazer uma lista de compras por não saberem ler e escrever, impossibilitado de fazer diversas funções por não se sentirem capazes. Sendo assim, é necessário que haja mais políticas públicas voltadas para educação e programas que incentivem as pessoas que não tiveram oportunidade de estudar, por questões familiares ou econômicas a retornarem à escola.

Dessa forma, a Educação de Jovens e Adultos e Idosos (EJAI), foi pensada desde a década de 1940, segundo PNE (Plano Nacional de Educação), Lei nº 13.005/2014 os trabalhadores poderiam contribuir enquanto escolarizados com o desenvolvimento econômico do país, e assim surge a ideia de um ensino voltado para as pessoas que não foram alfabetizadas na idade regular ou aqueles alunos que tiveram que priorizar o trabalho durante o dia e não tinham oportunidade de frequentar a escola.

Diante do exposto, em Tanque Novo – Bahia essa pesquisa será de suma importância, pois irá contribuir para um olhar diferente sobre os conteúdos geográficos, compreendendo que a Geografia não é uma disciplina voltada apenas para as questões ambientais, mas também incentiva os alunos a terem um olhar crítico reflexivo acerca da realidade. Além disso, é essencial que o professor aborde conteúdos geográficos que sejam relevantes para a realidade local, estimulando a compreensão do ambiente em que vivem e promovendo uma consciência crítica sobre questões ambientais, socioeconômicas e políticas.

A falta de reflexão sobre o analfabetismo geográfico impacta significativamente na educação dos alunos da EJAI de Tanque Novo - BA, a compreensão dos conteúdos de Geografia é de suma importância para ter uma visão de mundo diferente e consiga ter criticidade sobre os problemas existentes na sociedade, é importante que o aluno não aprenda a Geografia somente

como conceitos, mas que entenda de maneira crítica e social como ocorre à produção do espaço e os conflitos e contradições que envolvem esse processo, e não apenas descreva elementos das paisagens e identifiquem lugares.

Porquanto, o (EJAI) tem o potencial de contribuir consideravelmente para a redução do analfabetismo e o desenvolvimento do letramento geográfico, possibilitando à inserção ativa desses adultos na comunidade e no mercado de trabalho, bem como o fortalecimento da cidadania e da participação democrática, a adoção de metodologias inclusivas, materiais didáticos contextualizados são fundamentais para alcançar esses alvos.

Essa pesquisa na Educação de Jovens e Adultos e Idosos (EJAI) desempenha um papel crucial para entendermos como se dá o processo de alfabetização e letramento geográfico nessa modalidade de ensino. A pesquisa vai contribuir para um olhar diferente e criterioso sobre essa modalidade, sendo um elemento constituinte da educação básica, apesar de conter suas especificidades.

A monografia está dividida em quatro seções que abordam discussões de categorias como ensino de Geografia, o papel do professor, Educação de Jovens e Adultos e Idosos e alfabetização e letramento geográfico na EJA. A primeira seção deste trabalho é a introdução que apresenta o tema, a biografia pessoal/ cultural das autoras, bem como os objetivos, a justificativa e a metodologia.

A parte II designada “O ensino de Geografia: possibilidade de uma visão crítica de mundo” apresenta um debate acerca da importância da Geografia na formação do aluno, incentivando no seu desenvolvimento para que o instigue a conhecer e compreender a realidade em que vive, para que o aluno não somente observe, mas que reflita criteriosamente, sobre o lugar a qual está inserido. A leitura geográfica não restringe apenas na descrição localizada dos elementos naturais, mas analisa também a inter-relação desses elementos com o homem, como também a relação política, econômica e social. Nesse viés, os conteúdos abordados na Geografia devem despertar nos alunos uma visão crítica do mundo, para que compreendam a sociedade a qual está inserido.

O tópico seguinte tem como título “O papel do professor no processo de ensino e aprendizagem da Geografia”, apresenta uma discussão sobre o papel do docente ao abordar os conteúdos de Geografia em sala de aula, construindo juntamente com os alunos o conhecimento adquirido no seu processo de formação e não somente apresentar conceitos ou fazer com que os alunos decorem esses conceitos, mas criar estratégias para que o conhecimento seja construído em sala de aula, havendo um processo de troca, pois os alunos têm muito a compartilhar através de suas vivências e experiência de vida.

A parte III que tem como título “Educação de Jovens e Adultos e Idosos e o ensino da Geografia” aborda como o ensino de Geografia é importante para os professores trocarem conhecimentos com seus alunos, vivenciando o cotidiano de cada aluno no EJA, eles vão compreender sobre as transformações educacionais, socioespaciais, a cultura, economia, política do seu entorno e de outros territórios, visando que o conhecimento geográfico é relevante para entender que todos têm direitos perante a sociedade, assegurados pela constituição (1988), mas nem sempre esses direitos são garantidos pelo poder público.

Neste tópico cujo título “Alfabetização e letramento geográfico na EJA: leitura e entendimento de mundo”. Nesta seção, será discutido o conceito de alfabetização e letramento, suas especificidades e as suas correlações. Buscando compreender como os professores devem agir em sala de aula para que seus alunos consigam ler e interpretar o mundo por meio da análise de representações espaciais, como mapas, e dos seus próprios espaços de vivências, promovendo um aprendizado mais crítico, reflexivo e significativo para a sua participação ativa na sociedade.

Na parte IV, última seção desse trabalho, está o resultado obtido através da nossa pesquisa, trazemos de início um pouco da história do Município de Tanque Novo, assim como da instituição na qual foi designada a pesquisa. Logo após os resultados obtidos através do questionário aplicados a professores que atuam na escola ministrando a disciplina de Geografia. A partir do resultado passamos a compreender sobre o processo de alfabetização e letramento geográfico na EJA do nosso município.

1.1 Metodologia

A metodologia é de suma relevância para se chegar a determinado fim em uma pesquisa, sendo assim, Minayo *et al* (2011), aborda que, “Entendemos por metodologia o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade”. Nesse pressuposto, a escolha metodológica delinea o trajeto em que queremos trilhar para se chegar as demais etapas da pesquisa, como a produção de dados, a interpretação, os resultados e as considerações. Além de possibilitar que compreendemos os questionamentos feitos em relação ao objeto de pesquisa, que nesse estudo baseia em entender e compreender como o analfabetismo e o letramento geográfico impactam na vida dos alunos da EJA.

Essa pesquisa foi desenvolvida na escola, Centro Educacional Professora Alzira Alves Carneiro, na sede do município de Tanque Novo, Bahia. Para isso, foi traçado o objetivo geral da pesquisa que consiste em: Compreender como a alfabetização e o letramento geográfico

contribuem para o desenvolvimento da leitura espacial dos alunos da EJAI. Assim, para o detalhamento desse objetivo, foram traçados outros três específicos: a) Entender o papel do professor de Geografia na construção da alfabetização e letramento crítico dos conteúdos geográficos; b) Reconhecer como ocorre o processo de alfabetização da Geografia, e as dificuldades para o letramento geográfico; c) Identificar como a alfabetização e o letramento geográfico possibilitam a leitura e o entendimento do mundo.

Utilizou-se a abordagem qualitativa, Moresi (2003, p:8-9) delega, que a “pesquisa qualitativa, considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave”. Sendo assim, nesta pesquisa foram utilizados dados para descrever as percepções pessoais, coletando informações subjetivas fornecidas pelas pessoas envolvidas, compreendendo o contexto a partir de suas experiências.

Para a base teórica foi feito um levantamento bibliográfico de produções que abordam sobre o analfabetismo e letramento geográfico, para referenciar teoricamente, além de compreender e refletir sobre as categorias citadas. Para isso, buscou-se diferentes autores como, Freire (1997); Miranda (2015); Carneiro (1993); Giroto (2018); Bueno e Callai (2013), dentre outros. Além da leitura de artigos nas plataformas SciELO e Google acadêmico.

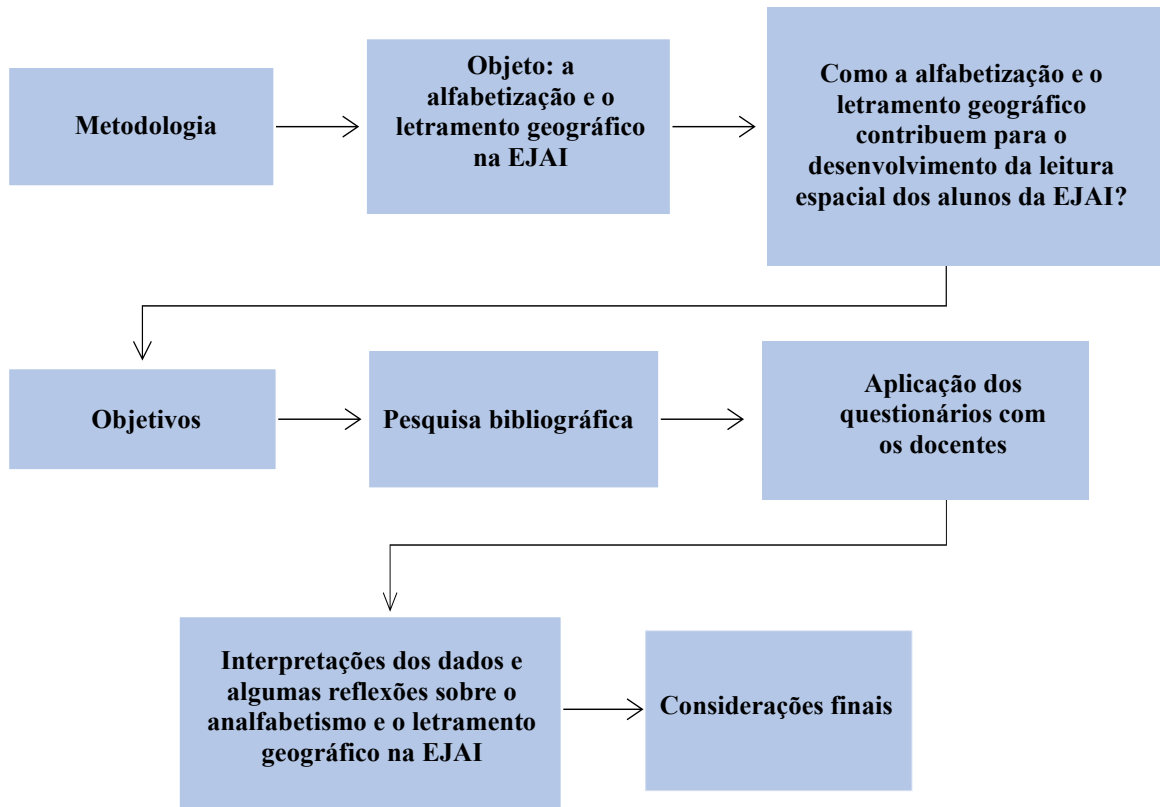
Como recurso para produção dos dados foi utilizado um questionário semiestruturado com questões objetivas e subjetivas, para os professores de Geografia, com isso a exploração de questionários em uma pesquisa é uma técnica importante para coletar dados e informações por isso deve apresentar cunho sintético. Para Moresi (2003, p. 29-30) “O questionário deve ser objetivo, limitado em extensão e estar acompanhado de instruções. As instruções devem esclarecer o propósito de sua aplicação, ressaltar a importância da colaboração do informante e facilitar o preenchimento.”

Para representação dos dados produzidos pelos questionários foram elaborados quadros para uma melhor eficiência na visualização dos dados. Dessa maneira, para Lakatos e Marconi (2003, p. 169) “Tabelas ou Quadros: é um método estatístico sistemático, de apresentar os dados em colunas verticais ou - fileiras horizontais, que obedece à classificação dos objetos ou materiais da pesquisa.” Considerando isso, a utilização de quadros é essencial para apresentar os dados de forma clara o que vai facilitar a compressão e análise da realidade do analfabetismo e letramento geográfico na escola estudada, em Tanque Novo-Bahia.

Com base nesta estrutura metodológica, essa pesquisa buscou alcançar os objetivos estabelecidos, identificando os principais desafios e oportunidades para um melhor desenvolvimento na educação geográfica. A utilização das técnicas qualitativas vai permitir uma pesquisa aprofundada dos dados que envolvem o analfabetismo e o letramento geográfico, demonstrando assim, a importância para compreensão crítica do mundo. Os resultados dessa pesquisa vão contribuir para o entendimento das necessidades educacionais nas localidades afetadas pelo analfabetismo e o baixo letramento geográfico, mostrando caminhos para elaboração de novas perspectivas.

A figura 1, apresenta o trajeto metodológico utilizado no desenvolvimento da pesquisa.

Figura 01- Percursos metodológicos



Fonte: Produzida pelas autoras, 2025.

2 O ENSINO DE GEOGRAFIA: POSSIBILIDADE DE UMA VISÃO CRÍTICA DE MUNDO

O ensino de Geografia pode ser uma ferramenta poderosa para desenvolver uma visão crítica do mundo, ajudando os alunos a desenvolver habilidades críticas e a compreender a diversidade cultural e a interconexão com o mundo e também habilidades para ações cidadãs. Com isso, Miranda (2015, p. 37) destaca que no Brasil o ensino geográfico começou primeiramente como disciplina escolar, mas somente na década de 1930 que surgiram os primeiros cursos superiores de Geografia, com professores que vieram da França. Nesse primeiro momento, os conhecimentos adquiridos na Geografia eram utilizados pelo governo como saber estratégico com o objetivo de pensar a organização do território.

O ensinar Geografia nas escolas no Brasil foi desafiador desde a sua institucionalização, ao desconsiderar questões sociais, fez por muito tempo ser considerada uma disciplina decoreba e cansativa, sem nenhuma importância para os alunos. Os conteúdos não são considerados relevantes na formação dos discentes, principalmente no atendimento ao mercado de trabalho, uma vez que os estudantes consideram a disciplina como sem importância para seu futuro profissional. Neste aspecto, Miranda destaca que;

O ensino de Geografia tem sido um tema muito discutido no cenário educacional, principalmente em relação às transformações que vem ocorrendo no mundo moderno, dando início a uma crise no ensino. De um lado, temos os conteúdos estudados em sala de aula que na maioria dos casos apenas objetivam a reprodução. Do outro lado, o momento histórico atual em que se corroboram como já explicitado (lutas entre classes, um rápido avanço tecnológico, profundas mudanças e transformações no contexto social), no qual, os conteúdos da disciplina não permitem sequer compreender o mundo em que vivemos, imagine compreender os problemas da sociedade (Miranda, 2015, p.44).

No século hodierno, está descontextualização da Geografia na educação e na escola, acaba por contribuir na forma como os estudantes e até mesmo os professores percebem a disciplina. Isso porque as diferentes reformas curriculares impactam na formação inicial e continuada de professores, e conseqüentemente na maneira como ela é ministrada nas salas de aula. Orso (2008, p. 51) afirma que a maioria das vezes “os conteúdos estão mais voltados para ensinar que “a Eva viu a uva”, ou seja, conteúdos abstratos, [...]” do que a necessidade de os desmistificar, de formar os estudantes para questionar as suas próprias condições de vida e da sociedade em que estão inseridos.

Conforme Carneiro (1993), sabe-se que o ensino escolar tem um papel fundamental na formação do aluno, possibilitando ao desenvolvimento crítico para que conheçam e

compreendam a realidade, conhecendo seus direitos e deveres na sociedade. O aluno deve aprender a analisar e observar, mas também refletir criteriosamente sobre a sua experiência existencial no contexto político econômico e sócio cultural. O conhecimento geográfico adquirido pelo aluno no ambiente escolar é de extrema relevância, sendo que a leitura geográfica não se restringe apenas nas descrições dos elementos naturais e efeitos da ação humana, mas consiste em compreender a organização do espaço e sua relação em diferentes escalas.

Ainda de acordo a Carneiro (1993), o ensino geográfico deve contribuir para que o aluno compreenda o mundo a partir de sua experiência no espaço, como também os problemas da organização e uso do espaço pelo homem, compreendendo desde o local onde está inserido até outras dimensões. Os conteúdos de Geografia não devem ser meramente ditados pelo professor constituindo assim um modelo de ensino decoreba, mas possibilitar ao aluno o desenvolvimento da curiosidade e da imaginação para que compreenda os conteúdos de forma crítica, passando a ter interesse em observar o lugar em que vive percebendo problemas que são visíveis na sociedade como, os problemas ambientais e sociais.

Vale ressaltar que há variadas possibilidades e caminhos para ensinar Geografia de forma que fuja da abordagem tradicional, mas para trilhar esses caminhos dependem de várias situações entre elas, o contexto da realidade escolar. Busca-se uma Geografia contextualizada, reflexiva e crítica capaz de fazer com que os nossos alunos reflitam e atuem sobre a realidade, uma vez que Freire (2016, p.52), afirma que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua produção ou a sua construção” esse objetivo será alcançado através de abordagens que possam desenvolver no aluno o interesse e a criatividade pelo conhecimento.

Por conseguinte, o ensino abre caminhos para várias oportunidades, com o conhecimento adquirido, os indivíduos podem escolher a que caminho seguir, mas isso só é possível ser concretizado se lutando por ele. A classe dominante pode escolher onde estudar, e em qual cidade estudar, esse privilégio de escolha é notória, mas nem todos podem fazer essa escolha. O conhecimento, proveniente da reflexão, observação e análise dos fenômenos do espaço contribui para a transformação da realidade em suas mais diferentes escalas, sem isso, acabam por contribuir para que a classe dominante tenha sempre seus privilégios garantidos.

O sistema capitalista produz desigualdades sociais, a classe dominante acaba por ter seus direitos assegurados enquanto a classe trabalhadora não obtém os mesmos privilégios, sendo negado a diversos acessos pela condição social. Santos (2023) ressalta que, “É certo que no Brasil tal oposição é menos sentida, porque em nosso país jamais houve a figura do cidadão. As classes chamadas superiores, incluindo as classes médias, jamais quiseram ser cidadãos; os

pobres jamais puderam ser cidadãos.” Diante disso, nota-se que a cidadania não é exercida de fato, os privilégios são concentrados nas mãos de poucos enquanto a maior parcela da população são trabalhadores e trabalhadoras vivem da venda de sua força de trabalho.

Porquanto ser cidadão em cada local tem suas particularidades e desafios específicos e esta é a função da Geografia, evidenciar as particularidades como a desigualdade social, questões ambientais ou conflitos políticos, e cabe a cada cidadão se mobilizar para enfrentar esses desafios e buscar soluções para determinadas questões, por isso a cidadania vai além do simples status legal, envolve ser um agente ativo na comunidade, isso quer dizer participar de projetos sociais, ou se tornar informado sobre as questões em pauta da sociedade, ou seja, ser cidadão em um lugar é uma vivência rica que envolve tanto direitos quanto responsabilidade, é pensando nesses direitos que a formação dos estudantes precisa concentrar.

O professor de Geografia tem um papel fundamental para que seus alunos possam desenvolver a consciência cidadã entendendo seus direitos e responsabilidades perante a sociedade como também a lutar contra as injustiças sociais. Para isso, “ser cidadão significa fazer parte de um todo maior, modernamente identificado a uma nação ou comunidade política específica, e ter direitos garantidos pelo Estado, com o qual temos também deveres” (Botelho; Schwarcz, 2012, p. 11).

No entanto, quando falamos de direitos garantidos pelo Estado nem sempre isso se torna uma verdade absoluta. Muitas vezes esses direitos são apenas escrito em papéis uma vez que na realidade existe uma classe privilegiada, com direito a segurança, saúde, lazer e educação de qualidade, enquanto a maior parcela da população nenhum desses direitos são assegurados. Em diversas situações por ter que ajudar a família no sustento do lar, muitos jovens acabam por abandonar os estudos para trabalhar, não assegurando o seu direito a educação.

A priori, quando o professor de Geografia aborda em sala de aula diferentes temáticas, acaba despertando no aluno a curiosidade de entender a realidade em que vive tendo compreensão dos processos que dão origem às desigualdades sociais incentivando o aluno a transformar a realidade em que vive com base na democracia, solidariedade e justiça. Para que esse aluno possa se tornar um agente social ativo na sociedade compreendendo seus direitos e deveres perante ela, buscando sempre melhorias para a sociedade.

2.1 O Papel do Professor no Processo de Ensino e Aprendizagem da Geografia

O ensino aprendizagem é adquirido no processo escolar, logo é importante que este seja condicionado ao desenvolvimento individual de cada indivíduo, à medida que os professores

apresentam conceitos prontos sem questionamentos, os alunos acabam não tendo uma desenvoltura pessoal crítica. Dessa forma, irá apenas colaborar para uma sociedade reprodutora de conhecimento. “Por outro lado, não basta ao professor de Geografia apenas dominar os conteúdos, é preciso refletir sobre as concepções pedagógicas que perpassam a relação teoria e prática (Silva *et al*, 2012).

O aluno é o principal sujeito ativo do seu processo de conhecimento, o professor irá incentivar, propiciar, orientar, guiar seu aluno no processo que ele tem que adquirir para sua formação, e não apresentar um conceito pronto apenas para reproduzir. A fase da alfabetização é a fase propicia para que trabalhem os pensamentos e argumentos para construção dessa aprendizagem, e assim analisar o seu cotidiano conforme os conhecimentos geográficos apresentados pelo professor.

Segundo Girotto (2018), a escola e não somente o professor de Geografia deve se preocupar com a aprendizagem ativa de seus alunos e não passiva. Isso é, exemplificado quando o docente traz os conceitos prontos aos alunos, sem preocupação com o seu conhecimento, tornando a sala de aula um ambiente de reprodução do é dito, sem curiosidade sobre o conteúdo e sua relação com a sociedade. Cavalcanti diz que;

[...] os professores, ao ensinarem geografia, devem ter em mente que essa disciplina se constituiu na história da formação escolar congregando basicamente conhecimentos de uma área científica que pretende ser uma perspectiva de análise da realidade, que é a geográfica. Para tanto, essa área tem constituído um conjunto de conceitos, categorias e teorias, a partir dos quais constrói seu discurso. Pode-se chamar esse discurso de linguagem geográfica. Pois bem, para que o aluno aprenda geografia, não no sentido de assimilar as informações geográficas, mas de formar um pensamento que lhe permita analisar a realidade na perspectiva geográfica, é preciso que ele trabalhe com essa linguagem (Cavalcanti, 2005, p.199).

Nesse sentido, o professor de Geografia deve abordar em sala de aula conteúdos que sejam além do livro didático, despertando assim, o interesse dos alunos para que o conhecimento se dê a partir de uma construção em sala de aula com a participação do professor e do estudante, abordando conceitos teóricos do livro didático como também correlacionando com as vivências dos mesmos para que consigam se situar criticamente no mundo, desde o local até a escala global.

Conforme Cardoso *et al* (2016), é interessante observar que o professor nos dias atuais enfrenta inúmeras dificuldades ao ser inserido no ambiente escolar, principalmente ao abordar os conteúdos em sala de aula, sendo assim, precisam desenvolver práticas pedagógica para despertar o interesse dos alunos. Como também as dificuldades voltadas para o ambiente escolar, principalmente em escolas públicas com a desatualização dos professores e a falta de

material didático que promove a precariedade do trabalho docente.

Ainda de acordo com Cardoso *et al* (2016), na prática docente o professor além de dominar os conteúdos específicos de cada disciplina devem também desenvolver práticas pedagógicas que possibilite o aluno na construção do seu conhecimento, fazendo uma reflexão crítica à realidade. Nesse sentido, o professor deve estimular o aluno a compreender de forma crítica a realidade a qual está inserido, buscando conteúdos que o aproxime de sua realidade construindo assim, uma aula dinâmica, participativa e reflexiva uma vez que, uma aula expositiva baseada na memorização dos conteúdos acaba por ser cansativa podendo ocasionar o desinteresse dos alunos até ao abandono da escola.

É necessário que o professor crie práticas pedagógicas para que o ensino de Geografia seja do interesse dos estudantes, vivemos em um país em que a educação é desvalorizada principalmente o ensino da Geografia, vista como uma disciplina somente para compreender aspectos ambientais, mas sabe-se que vai, além disso. O conhecimento geográfico faz com que os alunos compreendam de forma crítica à sociedade a qual está inserida como, por exemplo, os aspectos sociais e as desigualdades econômicas.

Considerando que estamos em uma era tecnológica devemos utilizar recursos para que os alunos procurem informações que ajudem na construção do conhecimento eficaz e crítico, deixando cientes de que nem toda informação é acompanhada por uma formação adequada. “Podemos usar as redes sociais, a internet, o livro didático, mapas, vídeo, música, entre tantas outras metodologias para auxiliar na construção do conhecimento eficaz e crítico” (Cardoso; *et al*, 2016, p.7).

Vale ressaltar, a importância de como esses recursos didáticos são usados, dependendo da maneira que são utilizados podem não dá o retorno esperado pelo professor. Ou até mesmo pode ser transformado em uma prática reprodutiva tradicional quanto ao uso do livro didático. Portanto, para que o recurso possa trazer inovação no processo de ensino e aprendizagem o professor necessita planejar, articular o conteúdo abordado com a realidade vivenciada pelo aluno, contextualizando os conceitos e traduzindo para a realidade de cada discente.

De acordo Giroto (2018) as intervenções pedagógicas vêm sendo uma forma concreta de motivar o aluno a ter um novo olhar para a disciplina de Geografia. No entanto, a mesma tem como função social questionar acerca dos diferentes espaços sociais, políticos, econômicos e culturais na tentativa de fazer uma conexão entre as diferentes escalas. É relevante que o professor de Geografia debata os conteúdos propostos na grade curricular em nível local, regional e nacional, para que os alunos compreendam desde sua realidade ate as demais escalas.

Nesse sentido, o professor de Geografia na escola deve preparar os estudantes para que

possam entender as transformações existentes no mundo. Conforme Carneiro (1993) os alunos devem desenvolver um olhar crítico perante os conflitos sociais, econômicos e políticos do mundo. Nessa mesma lógica, para que tenhamos um ensino de Geografia de qualidade, precisa-se de profissionais que compreendam seu papel transformador na escola e na sociedade, considerando a necessidade do processo de ensino e aprendizagem nos dias atuais.

Nesse pressuposto, é necessário que o professor busque uma formação continuada, para garantir a qualidade da educação, contribuindo assim para seu desenvolvimento profissional. A formação continuada permite que os professores desenvolvam novas habilidades e competências, melhorando sua prática pedagógica e aumentando sua confiança e motivação. Adquirindo maior segurança ao discutir os conteúdos em sala de aula, além de favorecer para o uso dos avanços tecnológicos e as mudanças sociais ocorridas ao longo dos anos. No entanto, nem sempre isso se torna possível, já que o docente possui uma carga horária de trabalho extensa, em uma ou mais escolas.

Com isso Miranda (2015), certifica que o professor em seu planejamento inclua tanto aula teórica como prática fugindo assim das metodologias tradicionais nas aulas de Geografia, ao integrar teoria e prática, o professor pode ajudar os alunos a entender melhor os conceitos teóricos, trazendo novas metodologias. E assim acabam por facilitar a assimilação dos conteúdos pelos estudantes podendo ser discutido conteúdos que sejam da vivência dos alunos estimulando a compreender desde o local até o global.

O professor é um agente transformador que desempenha um papel crucial no processo de ensino-aprendizagem do aluno, promovendo a construção de um conhecimento eficaz, mas vale mencionar que além do ambiente escolar os mesmos adquirem conhecimentos de diversas formas e em diversos lugares. Dessa forma, Carneiro (1993) salienta ao professor por meio de suas práticas pedagógicas, relacionarem os conteúdos didáticos com as experiências dos alunos incentivando-os a refletir criticamente a alcançar uma nova visão de mundo para que possam por meio da educação transformar a realidade.

Gostaríamos de salientar as múltiplas possibilidades e caminhos de se ensinar Geografia de uma forma que fuja das abordagens tradicionais, mas esses caminhos dependem de uma série de situações, entre eles o contexto da realidade escolar, o bairro, a turma. O que buscamos é cada vez mais uma Geografia contextualizada, reflexiva e crítica, capaz de fazer com que nosso aluno reflita e atue sobre a sua realidade. Nossa intenção deve ser plantar uma sementinha que abra caminhos para os professores refletirem sobre as suas práticas (Cardoso; Queiroz, 2016, p. 8).

Nesse contexto, para que isso aconteça é necessário que tenhamos professores

preparados em sala de aula, buscando sempre melhorias em suas práticas pedagógicas e trazendo inovações para as suas aulas, despertando no aluno o interesse pelo aprendizado e pela educação. Para que a sala de aula não se torne um ambiente de reprodução de conteúdo e práticas, mas sim um ambiente que constrói o conhecimento de forma dinâmica e participativa, deve-se considerar que a sociedade precisa de uma educação nova que supra as necessidades atuais deixando de lado a forma arcaica de ensino.

Assim, somente com uma mudança em vários segmentos da educação é que se poderá modificar a realidade educacional vivida, nos dias atuais, ou seja, a mudança precisa ser em conjunto, escola, governo, família, alunos e comunidade escolar para assim dar conta das necessidades educacionais e diminuir os problemas e conflitos (Manfio; Severo; Wollmann; 2016, p. 67).

Ser professor de Geografia é de suma importância para o mundo em que vivemos, mas desafiador, e atualmente os professores vêm carregando um peso inegociável da educação, a falta de recursos didáticos, assistência nas escolas, tecnologias, apoio inadequado das famílias. Cada aluno ao ir para escola carrega consigo princípios e culturas distintas, e o professor ao abordar os conteúdos deve levar em consideração os determinados aspectos, de que cada estudante foi formado ou está em processo de formação carregado de estereótipos distintos.

Nesta mesma lógica, a educação está passando por uma revolução tecnológica, com o surgimento de tantas abas de aprendizagem, que de certa forma estão mudando a maneira como esses alunos aprendem e se desenvolvem no mundo. Um exemplo é a inteligência artificial, que é uma tecnologia da realidade virtual, que permitem aos alunos explorar conceitos complexos de maneira fácil e rápida. Porém, não aprende de maneira operativa e interativa para se ter um conhecimento duradouro, resultando assim em decadência no processo de ensino e aprendizagem.

Além da inteligência artificial existem várias plataformas de aprendizado online como vídeo aulas, jogos educacionais, que trazem benefícios aos alunos desde que saibam utilizá-los, considerando o papel do professor mediador na sala de aula. Cardoso *et al*, 2016, reconhece que se deve apresentar aos alunos os recursos atuais e usar, as redes sociais, a internet, o livro didático, mapas, vídeo, música entre tantas outras metodologias que auxiliam na construção do conhecimento crítico.

A falta de recursos nas escolas atinge negativamente no processo de ensino e aprendizagem da Geografia. Em algumas escolas não tem mapas, globo, entre outras ferramentas, e ainda assim faltam meios tecnológicos como televisão, datashow para fazer uso de slides, exibir figuras, vídeos o que vai dificultar ainda mais o ensinar Geografia,

principalmente na discussão de temáticas com grande teor teórico, o que restringe a motivação dos alunos.

Dessa forma, deve-se ter sempre em evidência que a tecnologia não deve substituir a interação humana, com a sociedade e o diálogo crítico com o professor na sala de aula. Pois as novas ferramentas de aprendizagem devem ser usadas, para ajudar o professor a mediar às temáticas nas aulas de Geografia, complementando e enriquecendo o processo de ensino e aprendizado, permitindo que os alunos se desenvolvam como cidadãos críticos e ativos na sociedade.

3 EDUCAÇÃO DE JOVENS, ADULTOS E IDOSOS E O ENSINO DA GEOGRAFIA

A EJA (Educação de Jovens, Adultos e Idosos) é uma modalidade de ensino que visa atender aos alunos que não conseguiram ingressar na escola no tempo regular, assim, ainda nos dias atuais existem muitas pessoas que nunca frequentaram um espaço escolar ou desistiram sem concluir a educação básica. Dessa forma, a EJA deve ser uma política pública com abordagens didáticas que incentivem os alunos a ingressarem no ambiente escolar.

O acolhimento aos alunos se torna essencial, uma vez que os estudantes que procuram a EJA são estudantes que por diferentes motivos, sejam eles familiares, por doença, ou distância da escola, ou ainda por não terem interesse ou por questões de trabalho desistiram ou nunca frequentaram o tempo regular. Dessa maneira, cabe o incentivo e acolhimento em sala de aula, visto que os estudantes já possuem uma rotina durante o dia, trabalham, cuidam de casa, da família e vai para a escola a noite muita das vezes cansadas e desanimadas, Régis (2024), constata que:

Nesse retorno escolar, os jovens, adultos e idosos se vêm diante de novos desafios, considerando que a própria matrícula, por vezes, é um obstáculo, devido à carência de informações acessíveis e até mesmo a ausência de documentos pessoais. Superado o desafio da matrícula, o retorno efetivo à escola representa também um obstáculo, principalmente diante do sentimento de frustração do tempo decorrido e o constrangimento, em ingressar à escola em faixas etárias mais elevadas.(p.81)

Ademais, o constrangimento que os jovens e adultos enfrentam para se matricular há todo um processo de adaptação na escola, que vai exigir muito do currículo da escola, e da didática dos professores, uma vez que esses jovens não estão acostumados com aquela realidade escolar, e se sentem excluídos. Conforme Barcelos, (2012) um dos grandes desafios a serem enfrentados pela educação de jovens e adultos é, justamente, conseguir manter os (as) educandos(as) na escola. Não basta que esses jovens e adultos retornem aos bancos escolares sem práticas educativas inovadoras.

Além dos desafios enfrentados pelos alunos, os professores enfrentam dificuldades no processo de alfabetização de seus discentes, uma vez que querem utilizar com seus alunos os mesmos métodos que aprenderam no passado. Nessa lógica, o professor deve compreender "que a linguagem é uma construção histórica com mudanças inerentes nos seus usos, significados e funções" (Schwartz, 2013, p. 49).

Sendo assim, o docente utiliza a escrita como uma representação de um código, em que as principais estratégias de ensino serão a cópia, a repetição, a memorização das palavras consideradas fáceis. Mas, segundo Schwartz (2013), a escrita é concebida não como a

representação de um código, mas como representação da linguagem. Pois a língua escrita não é simplesmente uma combinação de letras, e sim um modo de comunicar significado. Nas palavras de (Collelo, 2004, *apud* Schwartz, 2013, p. 39):

O processo de construção da escrita é muito mais complexo do que supunham os educadores que ingenuamente insistam em ensinar abecedários, as famílias silábicas e a associação de letras para a composição de palavras, sentenças e textos. A capacidade de ler e escrever não depende exclusivamente da habilidade do sujeito em "somar pedaços de escrita", mas, antes disso, de compreender como funciona a estrutura da língua e o modo como é usada em nossa sociedade.

O professor alfabetizador deve ter um olhar diferente com seus alunos, enxergando a necessidade e o nível de dificuldade que cada estudante enfrenta. Dessa forma, cabe o professor elaborar sua prática pedagógica de acordo a necessidade de cada um e demonstrar para os alunos que acredita que podem superar suas dificuldades. Freire (1982) enfatiza que a leitura do mundo e a leitura da palavra estão dinamicamente juntas. Sendo assim, o comando das duas se dá a partir dos temas que são significativos à experiência de cada alfabetizando.

Nessa lógica, quando o professor adquire esses conhecimentos acaba por perceber que é impossível utilizar o mesmo método que vivenciou para aprender a ler e escrever, com seus alunos. E assim, terá inteira convicção da necessidade de renovação dos currículos curriculares no ensino da EJAI. Além dos professores buscarem novas alternativas, a escola também tem esse papel mediador para acolher os educandos. Barcelos (2012) acrescenta que a escola estará contribuindo assim, para que seus educandos (as) se sintam incentivados para a busca de um dever ser mais, não mais, no sentido de melhor que o outro, mas sim melhores do que foi hoje, Weisz (2000, p.107) aborda que:

Se não acreditarmos que os alunos podem aprender se não estivermos convencidos de quê podemos de fato ensiná-los, não teremos o empenho necessário para identificar o que sabem ou não e, a partir daí, planejar as intervenções que podem ajudá-los a avançar em suas aprendizagens [...] Os alunos sentem quando não acreditamos que podem superar suas dificuldades mesmo que digamos o contrário - este é um território em que não é o discurso que manda, mas a crença que nos orienta.

Segundo Schwartz (2013), o professor que acredita que a todas as pessoas devem ser garantidas o direito à dignidade, consegue olhar para o que tem diante de si e ver possibilidades, dessa forma esse olhar é de suma importância para que os alunos acreditem no seu potencial em sala de aula.

Muitos alunos da Educação de Jovens e Adultos quando procuram uma escola é para suprir suas necessidades do dia a dia, como pegar o ônibus, ler alguma informação na rua.

Segundo Schwartz (2013), o professor alfabetizador deve trazer para sala de aula discussões sobre conceitos como direito, deveres, justiça, injustiça, igualdade, desigualdade, para que o aluno compreenda que o ensino não se restringe apenas a ler e a escrever, mas também diz respeito a ser cidadão letrado na sociedade. De acordo com Barcelos (2012, p. 21):

Chamar um homem ou uma mulher de alfabetizando (a) é muito diferente de chamá-lo(a) de analfabeto (a). A razão é simples: é uma questão de respeito; É uma questão de liberdade; É uma forma de reconhecer que este homem ou que esta mulher são capazes de aprender qualquer coisa, desde que lhe deem a oportunidade para que isto aconteça.

Dessa forma, o professor deve se atualizar das diversas formas pedagógicas de ensinar, deixando para trás a forma histórica como aprenderam decorando letras e palavras, para que seus alunos sejam sujeitos ativos na sociedade, compreendendo seus direitos e deveres. Ademais, os professores devem utilizar metodologias de ensino que sejam apropriadas para os educandos da EJA considerando suas experiências, conforme aponta Barcelos (2012, p. 100):

Há que se pensar alternativas curriculares sem a pretensão de que representem fielmente a realidade, mas sim que possam dialogar com ela, que estejam abertas para receber as contribuições e acréscimos daqueles e daquelas que chegam ao espaço escolar. Currículos e/ou mapas que possam realmente nos orientar no mar revolto, dos tempos de desassossego e que tentamos, todos navegarem.

Os professores devem atuar como facilitadores do aprendizado contribuindo assim para construção do seu próprio conhecimento, de maneira individualizada proporcionando orientação específica, considerando suas necessidades. Pois a escola e os professores têm papel fundamental na formação de jovens e adultos e idosos, é importante que a escola ofereça oportunidades de aprendizado relevante e significativas para superar os desafios enfrentados pelo ensino e também os desafios que surgem nas vivências diárias. Nesse sentido, Bezerra (2011, p. 4) constata que:

A escola adquiriu sentidos perante a sociedade, sejam eles interesses sociais, políticos, econômicos e/ou culturais. A educação formal no Brasil é considerada, segundo o artigo 2º da Lei Nº 9.394/96, como “[...] dever da família e do Estado, e tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

É de inteira convicção que a educação no Brasil é um direito que deve ser garantido pelo Estado e pela família, desde os anos iniciais que são permitidos até os anos finais, tende essa responsabilidade a ser questionada como exercício da cidadania uma vez que muitas das vezes

a falta de acesso à educação básica, afeta negativamente a vida dessas pessoas como também a participação crítica na sociedade.

O ensino de jovens, adultos e também idosos pode contribuir significativamente para a vida das pessoas e principalmente para os trabalhadores que não tiveram a oportunidade de concluir seus estudos na idade regular. Dessa forma, pode melhorar as condições de trabalho, o que pode aumentar as chances de conseguir uma oportunidade de emprego melhor ou mesmo a ocasião de concluírem um direito que foi negado a muito tempo. O incentivo aos jovens e adultos a buscarem cada vez mais conhecimento advém da maneira que a educação transforma a vida dessas pessoas, levando em consideração que elas já transportam uma bagagem intensa de dificuldades.

A maioria das pessoas que estudam na EJAI tem que conciliar trabalho com estudos, enfrentam assim uma dupla jornada, exaustiva e desgastante, que faz com que cheguem à escola com pouca motivação para o estudo principalmente as mulheres que trabalham em casa e fora dela. Com isso, (Moura 2022) destaca que é preciso levar em consideração que a EJAI não se constitui apenas como modalidade de educação, e sim como processo político, que inclui homens e mulheres em suas labutas diárias.

Nessa lógica, os professores de Geografia devem trazer em suas práticas pedagógicas conteúdos que devem ser pontos de partida para questionamentos, orientando os alunos sobre os diferentes olhares sobre o espaço como também os diferentes caminhos para compreensão dos fenômenos e ampliação do diálogo. Assim, “quando este argumenta que, a Geografia deve ser acima de tudo, desafiadora capaz de despertar o interesse dos estudantes para a resolução dos problemas que a vida apresenta” (Castro (2008, *apud* Régis, 2024, p. 85).

A educação geográfica deve ser o ponto de partida para o aluno adquirir conhecimentos que permitam que compreendam a realidade em que vivem, tendo interesse em entender desde o local até o global, levando em consideração que quando se fala em Educação de Jovens e Adultos esses alunos já carregam experiências de vida que devem ser levados em conta no trabalho realizado em sala de aula, aproximando os conteúdos geográficos com a realidade de cada discente.

Segundo Munhoz e Santos (2014), quando se trata da EJAI, essa abordagem se torna de suma importância, uma vez que esses alunos já possuem uma gama de saberes muita das vezes não advindo da escola, mas que não devem ser apenas reconhecidos como também valorizados. Dessa forma, o professor como facilitador do aprendizado deve interligar os conceitos e conhecimentos geográficos a problemas e questões enfrentadas no dia a dia pelos alunos, tornando uma troca rica entre professor e aluno.

Dessa forma, o professor deve ser aberto às discussões em sala de aula sendo o intermediador dessas discussões, desconstrói a concepção de professor possuidor do conhecimento, incentivando os alunos que o conhecimento é construído em sala de aula e que essa troca entre professor e aluno favorece o ensino de qualidade. Assim, acreditamos que o ensino de Geografia é a base para construir pensamentos críticos perante a sociedade, transformando a realidade dos alunos em sala de aula. Quando se trabalha o conceito de espacialidade em sala de aula deve-se partir do local, para que os alunos comecem a compreender desde a realidade em que vivem. Com isso,

O espaço geográfico deve ser entendido enquanto totalidade por onde passam as relações cotidianas e onde se estabelecem as redes sociais em diferentes escalas. Esse entendimento gera uma informação que deverá formar redes de significados para o aluno e aluna. Esses indivíduos vão à busca do entendimento da espacialidade que é simultaneamente produto social e uma condição da prática individual e social. (Matias, 2008 *apud* Munhoz; Santos, 2014)

Ainda segundo Munhoz e Santos (2014), o professor da EJAI atende a expectativa de um público variado, ressaltando que esse público é composto por jovens que tiveram que atrasar temporariamente seus estudos e adultos que não conseguiram frequentar a escola por um longo período de tempo. Dessa forma, cada aluno carrega experiências, saberes e tempo de aprendizagem diferentes. Nesse contexto, surge a necessidade de os docentes criarem estratégias pedagógicas para atender os alunos visando que muitos desses discentes têm apenas o momento da aula para dedicar-se aos estudos o que requer do professor deve manter o interesse da turma sobre as aulas, variando as aulas em diversos momentos.

Nessa lógica, Munhoz e Santos (2014) ressaltam que a formação de professores requer um conjunto de habilidades, forma de transformar os conhecimentos acadêmicos em conteúdos escolares, para que os alunos agucem a curiosidade e o espírito investigativo tornando sujeitos autônomos e criativos capazes de pensar coisas novas ao invés de repetir tudo que o professor fala em sala de aula, é necessário trazer para sala de aula uma Geografia crítica, para que consigam investigar a realidade vivida, mas para isso requer discussão, engajamento e ação dentro de sala de aula.

A luta diária das pessoas que ingressam à modalidade da EJAI é um desafio significativo que requer reconhecimento e apoio. E não apenas como uma segunda opção ou um remédio para aqueles que não tiveram sucesso na educação regular. Porquanto isso pode afetar a motivação dos estudantes que se sentem marginalizados e excluídos, por consequência da falta de comprometimento nas políticas educacionais. Nesse sentido, Moura (2022, p. 44) aponta

que:

No Brasil, a escola funciona como uma espécie de “peneira”, selecionando os melhores ou piores alunos, melhores ou piores turmas, em um movimento que privilegia os discentes das classes dominantes. Aos demais, quando conseguem permanecer na escola, isso acontece de maneira superficial, tendo que se dividir em inúmeros papéis.

Com isso, a classe dominante tem acesso a oportunidades de ensino de qualidade, acesso a cultura e aos meios necessários para se chegar à escola, enquanto a classe trabalhadora enfrenta dificuldades e limitações, o que dificulta as chances de se concluir ao menos à educação básica. Diante disso a desigualdade no ensino limita a mobilidade social tornando mais difícil para a classe trabalhadora o incentivo aos estudos. Segundo Moura (2022), o papel da educação é justamente oferecer condições para que essas alunas e alunos saibam de si e de seus coletivos, de suas identidades, condições e sobrevivências, dessa maneira ela ainda ressalta que,

Os discentes da EJA, são os passageiros de diferentes percursos sociais, são os passageiros da noite, mas também são os passageiros do amanhecer. Respectivamente, no fim da tarde, jovens, adolescentes e adultos cruzam as cidades a pé ou nos ônibus a fim de chegar às escolas, e mais precisamente, a EJA. No início da manhã, esses mesmos passageiros saem cedo de seus bairros distantes para os distintos trabalhos nas zonas mais caras da cidade (Moura, 2022, p.48).

Nesta perspectiva, a desigualdade do ensino, especialmente em relação ao ensino de jovens e adultos se torna um problema que persiste na sociedade, pois ainda são tidas como quem sabem menos, não se levando em consideração a labuta, dificuldades que enfrentam e enfrentaram por não terem tido a oportunidade de estudar e concluir os estudos. Essas pessoas, possuem uma jornada dupla tendo que trabalhar de dia e frequentar a escola a noite, assim não possuem a mesma disposição para estudar, e estes, assim como vários outros motivos precisam ser percebidos, considerados e valorizados.

3.1 Alfabetização e Letramento Geográfico na EJAI: leitura e entendimento de mundo

Nesta seção, será discutido o conceito de alfabetização e letramento, suas especificidades e as suas correlações, compreendendo a relevância desses conceitos para formar cidadãos críticos na sociedade. Analisando um breve histórico do analfabetismo, um problema complexo, com raízes históricas e geográficas, e que se perpetuou justamente devido a Geografia do país, suas vastas regiões e diversidades culturais.

De acordo com os fatos comprovados historicamente, a escrita surgiu do sistema de contagem feito com marcas em cajados ou ossos, e usados provavelmente para contar o gado, numa época em que o homem já possuía rebanhos e domesticava os animais. Esses registros passaram a ser usados nas trocas e vendas, representando a quantidade de animais ou de produtos negociados. Para isso, além dos números, era preciso inventar os símbolos para os produtos e para os proprietários (Cagliari, 1998, p.14).

Diante do exposto, a codificação dos números surgiu para contagem das propriedades e dos bens que as populações possuíam para saber se estava faltando algum, ou se tinha algum a mais, desde ali, então surge a alfabetização como meio de sobrevivência daquelas pessoas. O processo de alfabetização era baixo, pois segundo Cagliari 1998, o que se aprendia e ensinava na esfera social, era apenas o básico para a sobrevivência, registro e trocas de produtos e para os proprietários, no qual a comunicação através da leitura e da escrita era essencial, assim a alfabetização baseava-se somente no modelo mecânico de alfabetização.

No que se refere a este modelo, Cagliari 1998, afirma está relacionado à maneira que se ensinava a ler, ou seja, reproduzindo apenas o que já estava escrito, o processo envolvia memorização de palavras e a repetição de exercícios mecânicos, para reforçar o aprendizado, ainda que isso não promovesse a compreensão do significado. Assim, essa maneira de alfabetizar segue até os dias atuais, quando é levada em consideração a mudança de nível e não do aprendizado.

[...] desde que chegaram ao Brasil, os jesuítas estabeleceram escolas e começaram a ensinar a ler, a escrever, e a contar e cantar”. Porém, com o decorrer do tempo, o Brasil não alfabetizava de forma diferente da adotada na sociedade antiga. Observamos que nos dias atuais, em que essa pesquisa está sendo realizadas. Os professores ensinam a forma mecânica e padronizada, resultando numa defasagem significativa na formação de crianças dos anos iniciais do ensino fundamental (Paiva, 2003, p. 43).

Dessa maneira, o processo de alfabetização deve ser abordado de forma que os alunos sejam capazes de escrever, ler e interpretar o mundo de maneira crítica, pois só é possível aprender praticando, e os alunos que não exercem praticidade na escrita não conseguem ter um desenvolvimento eficaz na leitura e nem na interpretação. Com isso, o conceito de alfabetizar vai muito além de se reproduzir o que já está pronto.

Alfabetização – processo de aquisição da “tecnologia da escrita”, isto é, do conjunto de técnicas – procedimentos habilidades - necessárias para a prática de leitura e da escrita: as habilidades de codificação de fonemas em grafemas e de decodificação de grafemas em fonemas, isto é, o domínio do sistema de escrita (alfabético ortográfico) (Morais; Albuquerque, 2007, p. 15).

Neste sentido, o processo de alfabetização deve ser um processo capaz de formar indivíduos que consigam dominar a escrita, a leitura e a interpretação do que leram e escreveram. Dessa forma, é necessário que sejam atendidas condições fundamentais como o acesso a educação, metodologia adequada, professor qualificado, um ambiente escolar seguro, para assim se ter uma alfabetização prazerosa que atenda as necessidades no entendimento de mundo e para a convivência na sociedade.

A alfabetização e o letramento são duas habilidades importantes para o desenvolvimento cognitivo e social de uma pessoa. No entanto, muitas vezes utilizamos essas duas palavras erroneamente, como sinônimas, embora sejam conceitos que se complementam, segundo Almeida *et al* (2024, p.2), é de suma importância diferenciar o que significa alfabetização e letramento para melhor compreensão de sua aplicabilidade e relevância na modalidade de ensino EJA.

Dessa forma, vários autores trazem posicionamentos sobre o significado desses dois termos. Segundo Marcuschi (2007 p.15 *apud* Almeida *et al.*2) “a alfabetização é um aprendizado que envolve o domínio sistemático das habilidades de leitura e escrita, que ocorre mediante o ensino e até mesmo à margem da instituição escola”. E o processo de letramento é “decorrente de um processo social e histórico de aprendizagem da leitura e da escrita nos diferentes contextos e de acordo com as necessidades”. (Marcuschi, 2007 p.15-47 *apud* Almeida *et al* p.2)

Paulo Freire (1996) qualifica a alfabetização como um recurso fundamental para que uma pessoa exerça sua cidadania e seja um sujeito crítico perante a sua realidade.

A aquisição da língua escrita, por um processo de construção do conhecimento, que se dá num contexto discursivo de interlocução e interação, através do desvelamento crítico da realidade, como uma das condições necessárias ao exercício da plena cidadania: exercer seus direitos e deveres frente à sociedade global (Freire, 1996, p. 59)

Dessa forma, Mortatti (2004, p. 98) afirma que “o letramento está diretamente relacionado com a língua escrita, seu lugar, suas funções e seus usos nas sociedades letradas”, enquanto Kleiman (1995, p. 19) define letramento como:

um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos. As práticas específicas da escola, que forneciam o parâmetro de prática social segundo a qual o letramento era definido, e segundo a qual os sujeitos eram classificados ao longo da dicotomia alfabetizada ou não alfabetizada, passam a ser, em função dessa definição, apenas um tipo de prática – de fato, dominante – que desenvolve alguns tipos de habilidades, mas não outros, e que determina uma forma de utilizar o conhecimento sobre a escrita.

Segundo Soares (1998), essa distinção entre os conceitos é necessária, visto tratar-se de processos distintos. Assim, considera o processo de alfabetização com um significado mais específico “a aproximação é necessária porque não só o processo de alfabetização, embora distinto e específico, altera-se e reconfigura-se no quadro do conceito de letramento, como também este é dependente daquele” (Soares, 1998, p. 90).

Assim, compreendemos que a alfabetização e o letramento possuem significados diferentes, mas se complementam dentro do contexto escolar, é necessário que além do aluno aprender a ler e a escrever, deve-se aprender a ser crítico perante a realidade em que vive. Assim, Almeida *et al* (2024 p. 3), constata que:

[...] a alfabetização é o conjunto de habilidades técnicas exercidas em prol da leitura e da escrita e o letramento a capacidade de utilizar as técnicas da alfabetização, a aptidão de trazer a matéria técnica da alfabetização para a sua realidade, na disposição para uma prática assídua da leitura e da escrita para diversos fins, com um sentido mais profundo, o qual impacta a forma com que o aluno observa a sociedade a sua volta.

Nesse sentido, é necessário que o professor incentive o aluno a articular os conhecimentos adquiridos na EJA com os conhecimentos advindos do seu dia a dia, para que se situem no contexto em que vive, experiências, vivências, contexto social, que se correlacionam com o cotidiano. Segundo Soares 1998, é importante destacar que o letramento pode ser adquirido mesmo sem o processo de alfabetização uma vez que a pessoa pode compreender a realidade a qual está inserida sem saber ler ou escrever. Para que ocorra o letramento não é necessário que antes aconteça à alfabetização.

Em se tratando da Geografia, de acordo com Romão (2019), é possível considerar que a leitura de mundo, das paisagens, dos mapas não se configura somente uma técnica específica, uma vez que a partir do momento em que o sujeito se apropria da leitura do mundo ao seu redor, conseguindo interpretar e compreender o que se observa, denomina-se letramento cartográfico.

Assim, o ensino de Geografia deve se apoiar na leitura de mundo a partir da observação, estudo e representação da realidade em que os discentes estão inseridos. Nesse sentido, na sala de aula devem ser apresentadas propostas pedagógicas que contribuem para que os estudantes desenvolvam a leitura de mundo. Segundo Callai (2003), o educador dos anos iniciais do ensino fundamental precisa estar atento, ao iniciar o processo de aquisição da língua escrita e oral no aspecto do letramento, no que diz respeito ao que a Geografia não é. A Geografia não é,

Uma coisa alheia, distante, desligada da realidade. Não pode ser um amontoado de assuntos, ou lugares (partes do espaço), onde os temas são soltos, sempre defasados ou de difícil (e muitas vezes inacessível) compreensão dos alunos. Não pode ser feita apenas de descrição dos lugares distantes ou de fragmentos do espaço. (Callai, 2003, p. 57-58)

Dessa forma, o ensino de Geografia não deve focar apenas na memorização de conteúdos, precisa desenvolver o pensamento dos alunos para que estes consigam situar em sua realidade. Nessa lógica quando o professor compreende que do local o aluno cria mais interesse e disposição para trabalhar os conteúdos em sala de aula, acaba por incentivar a leitura de mundo desses estudantes, de forma que compreenda a sua realidade.

Fazer a leitura do mundo não é apenas realizar a leitura de mapas prontos, mas realizar a leitura daquele mapa construído cotidianamente e que expressa as nossas utopias culturais, econômicas e políticas. Aprender a ler o mundo, compreender que as paisagens são produtos sociais em constante mudança. Compreender o espaço geográfico como aquele produzido pelo homem nas atividades diárias. (Souza, 2013, p. 500)

Por isso, a leitura e entendimento de mundo são essenciais para o desenvolvimento dos alunos da EJA - Educação de jovens, Adultos e Idosos, já que a falta de hábitos de leitura, de estudo e a falta de recursos são desafios enfrentados diariamente por eles e pelos professores em sala de aula. Nesse sentido, o que se vê são muitas das vezes atuações de resistências, docente por ministrar suas aulas acreditando nas potencialidades de seus alunos diante das amarras do próprio sistema educacional, e também dos discentes que enfrentam as duplas ou triplas jornadas para estarem na escola.

Alfabetizar letrando demanda que os professores planejem atividades pedagógicas que unam o conhecimento estruturado da escrita e leitura com as condutas sociais, para que os saberes estejam conectados com a vida cidadã dos alunos. (Fortana, Soares, *Apud* Carvalho, 2023, p. 4)

O ensino e a aprendizagem com a sobrecarga do dia a dia exigem sensibilidade cultural, como também criatividade pedagógica e responsabilidade de toda a escola, pois a Lei nº 9.394/96 no seu § 2º Artigo 37, destaca que cabe ao Poder Público incentivar o ingresso do trabalhador na escola, bem como a continuidade do mesmo. Por conseguinte, além de se garantir que ingressem no ensino do EJA, que possam assegurar a sua permanência, de maneira que se é estabelecido pela lei.

Porquanto, é de suma relevância o preparo dos professores para criar um ambiente de aprendizado inovador para os alunos, trazendo as vivências de cada um para a realidade da sala

de aula. Sendo possível o desenvolvimento de habilidades como o pensamento crítico, e a resolução de problemas complexos, sendo o papel do professor um mecanismo transformador na vida dos alunos do EJAI.

4 A CIDADE E A INSTITUIÇÃO: CONHECENDO O LOCAL DA PESQUISA

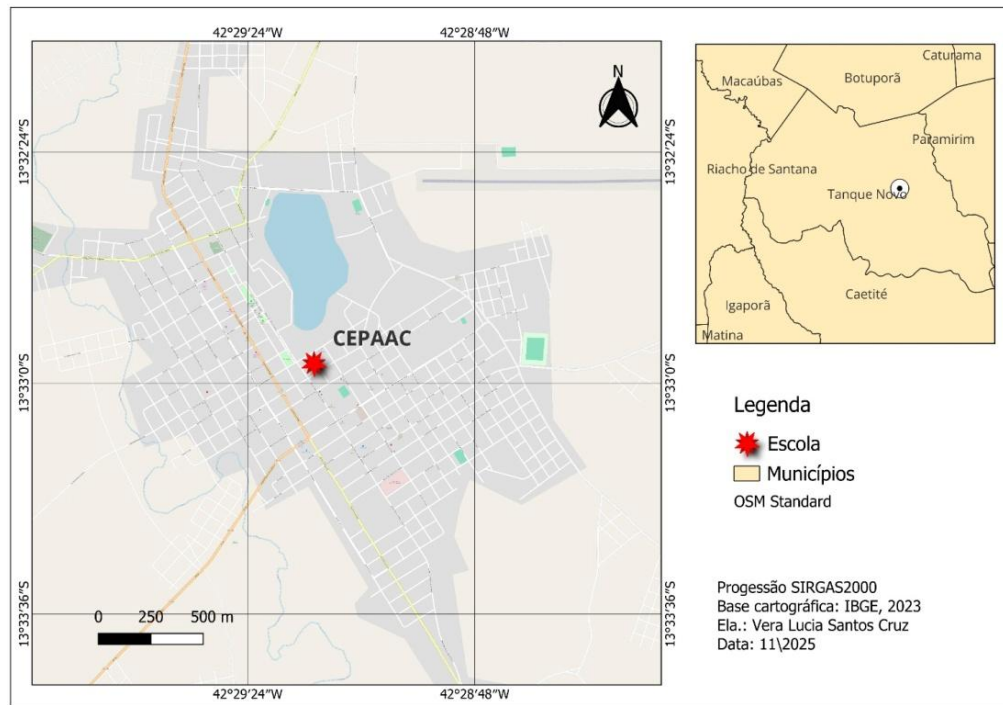
Para a realização desta pesquisa foi aplicado questionários a dois professores de Geografia que atuam na EJAI no Centro Educacional Professora Alzira Alves Carneiro (CEPAAC), escola de Ensino Fundamental no município de Tanque Novo. A escolha da escola se deu por ser uma escola na sede do município, de fácil acesso e por optarmos em fazer a pesquisa com os professores de Geografia da escola do município.

O município de Tanque Novo fica localizado no Estado da Bahia. Com uma área territorial de 825,94 km², está a 766 km da capital do estado, Salvador, e faz limite com os municípios de Caetité, Botuporã, Igaporã e Macaúbas. A população local é de 17.158 habitantes, de acordo com o Censo demográfico de 2022 (IBGE, 2022).

Tanque Novo remonta ao século XVIII, quando seu território começou a ser ocupado por fazendas ligadas à Casa da Ponte. Durante o declínio da mineração de ouro no atual município de Érico Cardoso, no século XIX, o local atraiu migrantes que buscavam novas formas de sustento, especialmente por meio da policultura. A consolidação do povoado de Tanque Novo, inicialmente conhecido como Furados, teve início com a aquisição da Fazenda Furados, em 1883. Em 1909, a construção da primeira capela e da praça ao seu redor, marco central da atual sede municipal, reforçou o papel do local como centro religioso e comunitário.

A origem do nome "Tanque Novo" é envolvida por controvérsias, com duas versões apresentadas pelos memorialistas Rachel Pereira de Andrade e Aparecido Carneiro Pereira. A versão mais tradicional, registrada na base de dados do IBGE, sugere que o nome se origina da construção de um grande tanque por Prudenciano Alves Carneiro e seu filho José Marques Carneiro (Cazuza Carneiro), feita manualmente. A segunda versão aponta que o nome seria devido à construção, pelo Governo do Estado da Bahia, de um tanque maior que o anterior, realizado no início da década de 1920, como medida para combater as secas que atingiam a região. A imagem abaixo, se refere à localização da escola de pesquisa Centro educacional Alzira Alves Carneiro e do Município de Tanque Novo em relação ao estado da Bahia:

Figura 02 – Localização da escola Centro Educacional Alzira Alves Carneiro e do Município de Tanque Novo na Bahia



Fonte: Elaboração própria, 2025.

A escola municipal, Centro Educacional Professora Alzira Alves Carneiro, foi fundada no ano de 1998, e fica situada na sede do município de Tanque Novo, cujo nome foi dado em homenagem a professora que fez parte da precursão da educação do município, Alzira Alves Carneiro. Ela nasceu em Tanque Novo em 1949, formou-se professora primária, em Caetité, pelo Instituto de Educação Anísio Teixeira, em 1971, lecionou em Tanque Novo, nas turmas de Ensino Infantil e de Ensino Fundamental. Foi secretária escolar do Centro Educacional Cenecista de Tanque Novo, atuou como diretora dessa instituição nos anos de 1988 e 1989 teve uma grande contribuição no desenvolvimento educacional do município, falecendo em 1993. A figura 3, apresenta a professora Alzira Alves Carneiro e a figura 4 a escola Centro Educacional Professora Alzira Alves Carneiro (CEPAAC).

Figura 03 – Imagem da Professora Alzira Alves Carneiro



Fonte: Uberlan Brito, 2025.

Figura 04: Mosaico da escola Centro Educacional Professora Alzira Alves Carneiro



Fonte: Uberlan Brito, 2025

A escola funciona nos três turnos (matutino, vespertino, noturno), atende o Ensino Fundamental nos anos Finais (6° ao 9°), nas modalidades regulares e na Educação de Jovens, Adultos e Idosos, recebendo estudantes da sede e das comunidades rurais do município.

4.1 Alfabetização e letramento geográfico: a percepção dos professores de Geografia

Nesta seção apresenta-se a análise dos resultados produzidos através do questionário aplicado a dois professores do Centro Educacional Professora Alzira Alves Carneiro, com o objetivo de compreender como a alfabetização e o letramento geográfico contribuem para o desenvolvimento da leitura e entendimento de mundo dos alunos do EJAI. O questionário foi aplicado aos docentes que trabalham com a disciplina de Geografia no EJAI na cidade de Tanque Novo- Bahia, para preservar a identidade dos professores, foram identificados como professor A e professor B.

Para compreender a atuação dos professores na modalidade da EJAI e sua formação acadêmica, foi perguntado se possuíam Graduação em Geografia, e há quanto tempo atuavam na docência, o professor A respondeu que não era graduado em Geografia e que atuava na docência há 8 anos, o professor B também respondeu que não é graduado em Geografia e sim em Ciências Biológicas e que atua há 32 anos nos anos finais do Ensino Fundamental.

Pode-se observar que atualmente muitos professores ministram aulas que não são da sua área de formação, situação que interfere diretamente no processo de ensino e aprendizagem. O Censo Escolar (2018) ressalta que, “Pelo menos uma em cada três disciplinas nas escolas do Brasil é ministrada por professores sem formação específica [...]”. ainda segundo o Censo Escolar (2018), “A porcentagem varia de acordo com a etapa de ensino. No ensino médio, 61,9% das disciplinas são dadas por professores licenciados na mesma área. Já no ensino fundamental, essa porcentagem é 58%”. A partir dos dados apresentados pela autora a etapa do Ensino Fundamental apresenta um número maior de professores que lecionam em áreas que não são de sua formação.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB, 1996) destaca que para atuar na educação básica a licenciatura plena na área específica é requisito mínimo, porém no Brasil a prática de lecionar em áreas que não são de sua formação, é algo que ultrapassa uma solução temporária. De acordo ao Censo Escolar 2018,

Ao todo, segundo o Censo, o país tem 762.884 professores atuando na educação básica. Desses, 77,3% têm alguma licenciatura, 1,2% tem apenas um bacharelado e 6,3% estão na faculdade. Outros 11% têm formação normal ou magistério e 4,3%,

apenas ensino médio ou inferior.

Fica evidente como a educação e seus profissionais são desvalorizados e como não é vista como prioridade. Mas, é preciso ainda destacar que a formação na área não é garantia de um processo de ensino e aprendizagem preocupado com a formação crítica e reflexiva dos estudantes, muitas vezes falta infraestrutura e materiais didáticos, mas a concepção que os professores que lecionam a Geografia possuem em relação a disciplina que ministram e como veem a educação, isso sim, é fator importante para uma prática educativa emancipatória.

Neste sentido, foi questionado aos professores sobre sua jornada de trabalho, e se consideram ter tempo hábil para preparar as aulas de Geografia. O professor A disse que sim, que tinha vinte horas semanais, o professor B, também respondeu que sim, pois os conteúdos trabalhados abordam temas do próprio cotidiano. A Geografia é uma disciplina de fundamental importância na formação cidadã dos alunos, pois é a ciência que estuda a organização do espaço geográfico, ou seja, o espaço produzido e transformado pela sociedade humana ao longo do tempo.

De acordo com Gomes (2008 *apud* Sousa, 2021, p.131) “Uma vez que a Geografia interliga várias temáticas com os conceitos de sustentabilidade, sociedade, cultura, ciência, tecnologia, entre outros, assume-se como uma das disciplinas que melhor pode potencializar e facilitar a formação geral de jovens enquanto cidadãos.” Atrelada as vivências cotidianas facilita a compreensão das mais diversas temáticas. Ademais, quanto mais se interliga diversos aspectos geográficos como paisagem, lugar, território e região mais flexíveis se tornam a absorção do conteúdo dado pelo docente funcionando como chaves para decifrar a dinâmica socioespacial compreendendo como o local se relacionam com o global.

A formação cidadã pressupõe a capacidade de agir de forma consciente e participativa no espaço, ao entender que suas ações são de fundamental importância para modificar a realidade, seja em sua comunidade, bairro ou cidade, o estudante é estimulado a se tornar um agente de transformação. Com isso,

A Geografia possui uma grande importância na formação do ser humano como cidadão, uma vez que seu objeto de estudo é o espaço geográfico. Este se compõe da política, cultura, sociedade e do físico. Sendo ao mesmo tempo, abstrato e concreto. Sendo assim, o espaço geográfico pode não apenas ser visto como também trabalhado como lugar de vivência, dessa forma aproximando a realidade do próprio aluno da disciplina (Souza, 2021, p. 131).

A Geografia, ao mostrar a relação intrínseca entre o indivíduo e o seu território explorado, fornece a base para reivindicar direitos e participar ativamente das decisões que o

afetam. Nesta mesma lógica, para Benevides (1994, p. 5), “uma educação para a cidadania ativa se processa na prática e isso só se realiza em uma escola democrática no acesso ao conhecimento e à participação nos processos de escolha e decisão”. Dessa maneira, é preciso que os alunos compreendam seus direitos enquanto cidadãos na escola, para assim lutarem por eles dentro e fora dela.

O professor de Geografia possui papel central e insubstituível nesse processo, atuando como principal mediador na construção crítica dos conteúdos geográficos. Dessa forma,

O professor de geografia, por seu caráter questionador do espaço construído pelas diferentes sociedades, tem um papel fundamental no auxílio ao aluno para a compreensão e o questionamento. É nesse sentido que o professor de geografia deve ter compromisso como cidadão e profissional para possibilitar que seus alunos se tornem autores de seu próprio aprendizado, analisando o espaço de acordo com o movimento da sociedade (Souza, 2021, p.135).

Com isso, o docente tem a função de articular o conhecimento geográfico acadêmico, os conceitos da ciência com a realidade escolar e a vivência do aluno, tem a necessidade de ir além da mera descrição de mapas e dados, propondo questões reais e de importância concreta. Dessa forma, o professor crítico demonstra que o espaço é um produto de lutas, decisões e relações de poder, evidenciando e instigando os alunos a formarem sua própria opinião, demonstrando e lutando pelos seus direitos enquanto cidadãos.

Porquanto, a qualidade da formação docente assegura que a Geografia na escola não seja um conjunto de informações prontas, e sim um instrumento pedagógico, uma vivência prazerosa, capaz de mover o aluno a pensar criticamente, questionar e atuar na transformação do mundo como agentes conscientes de seus direitos e deveres. Diante disso, os professores foram questionados sobre a importância da Educação de Jovens, Adultos e Idosos. O quadro 1, apresenta a concepção dos professores.

Quadro 1-A importância da Educação de Jovens, Adultos e Idosos

Professor A	Contribuir para que esses estudantes que não teve uma oportunidade de estudar quando mais jovens, tenham agora, de forma que eles se sintam incluídos e consigam ser alfabetizados.
Professor B	Acho que o conhecimento é a esmola mestre da sociedade, pois um país

	desenvolvido está inserido um meio técnico – científico – informacional.
--	--

Fonte: Produzido e organizado pelas autoras, a partir da aplicação do questionário aos professores, 2025.

Conforme o professor A, a modalidade é importante para a inclusão dos estudantes enquanto alfabetizados, pois quando mais jovens de alguma forma este direito foi negado. Freire (1974) considera que a educação para estas pessoas vai além da aprendizagem da leitura e escrita, mas é um meio de emancipação social, uma vez que possibilita os discentes tomar consciência de sua condição e agir efetivamente.

A EJAI se torna uma ferramenta essencial na vida desses alunos que não conseguiram estudar na idade regular, oportunidade de construir e se constituir sujeitos críticos diante da sociedade que estão inseridos, compreendendo seus direitos e deveres, para que possam lutar por uma sociedade justa e igualitária. Seja buscando o ambiente escolar para adentrar ao mercado de trabalho, visto que na sociedade do capital a necessidade de sobreviver muitas vezes impedem a maioria dos alunos procurarem ou continuarem nas escolas, seja como oportunidade de ver garantido um direito constitucional.

Ainda na perspectiva da importância da EJAI, o professor B salienta que para um país ser desenvolvido, precisa estar inserido em um meio técnico-científico-informacional, idealizando a ideia do capital humano, que de certa forma responsabiliza os indivíduos pela sua própria empregabilidade e sucesso profissional. Com isso, Del Pino (2002 n. p.) destaca que “[...] diante da impossibilidade concreta de satisfação de empregos para todos no capitalismo, é ingênuo acreditar que as distorções do mercado de trabalho possam ser corrigidas em função da qualificação dos trabalhadores”.

Assim, é notório que a qualificação dos trabalhadores não é a solução para os problemas do mercado de trabalho, uma vez que o capitalismo é um sistema que gera desigualdades e que a oferta de empregos nem sempre acompanha a demanda, visando que sempre terá pessoas desempregadas, favorecendo para que o capitalista continue explorando o trabalho humano. É de suma relevância que o incentivo aos alunos perpassa pela busca do conhecimento em prol da transformação da realidade na qual está inserido, para que sejam sujeitos críticos, que reivindicam, mas que também conheçam seus direitos, que questionem e que vejam os fenômenos implícitos e explícitos nas complexas relações da sociedade.

Dessa maneira, para os alunos da Educação de Jovens, Adultos e Idosos a educação deve ser vista como uma ferramenta de transformação social, desde que conduza das primeiras etapas o que é o pensar, estudar, agir até a escolha profissional ou permanência em um posto de

trabalho. Gramsci (1995, p. 136) considera que, “a escola deve conduzir o jovem até o limiar da escolha profissional, formando-o, nesse meio tempo, como um homem capaz de pensar, de estudar, de dirigir ou de controlar quem o dirige”. A escola, nesse sentido, deve trabalhar como produtora do conhecimento e formadora dos seus estudantes independente da etapa ou modalidade de educação em que se encontram, é preciso conduzir o ensino para um processo de diálogo, uma ferramenta para romper com a conformidade e transformar a realidade, como destaca Freire (1974).

Nesse sentido, a educação deve ser significativa e relevante para os estudantes da EJAI, fornecendo-lhes ferramentas teóricas e práticas para analisar e intervir na realidade de maneira imediata, pois para muitos o importante é ser alfabetizado para que consigam um trabalho de qualidade e de maneira rápida, pois a ideologia do capital faz com que pensem que um emprego qualificado depende única e exclusivamente de si mesmo.

Desse modo, para os sujeitos da EJA o sentido do conhecimento adquirido na escola não está em proporcionar, primeiro, a compreensão geral da vida social e, depois, instrumentalizar-se para o exercício profissional, como ocorre com a educação de crianças e adolescentes. A escola precisa lhes garantir, de forma imediata, as ferramentas teóricas que lhes possibilitem analisar e compreender a realidade pessoal, econômica e social a fim de nela intervir de forma consciente. Daí a importância de os conteúdos escolares possuírem significado social para os estudantes da EJA (Barbosa, 2019, p.72).

Dessa forma, o papel da escola deve ser o de garantir que seus alunos compreendam a realidade pessoal, econômica e social tornando sujeitos conscientes, é preciso que compreendam que o problema do desemprego não está apenas na baixa escolaridade e pouca qualificação profissional, assim Castel (1998, p. 521) afirma ser “ilusório deduzir que os não empregados possam encontrar um emprego simplesmente pelo fato de uma elevação do nível de escolaridade”.

A busca por resultados rápidos pode levar a uma visão completamente utilitária da educação, em que o conhecimento passa a ser visto apenas como uma ferramenta para obter emprego qualificado, e destacar a sociedade capitalista, sem ao menos compreender o que se está aprendendo. É necessário que o professor faça ressignificar o valor da educação destacando o verdadeiro sentido de construir uma sociedade mais justa e igualitária.

Na perspectiva da construção de uma visão crítica da realidade, a Geografia se apresenta como possibilidade de formação de uma sociedade mais justa, a medida em que o processo de ensino e aprendizagem geográfico se faça e refaça no diálogo, na relação professor e aluno, com base nas vivências diárias que trazem os estudantes, assim o conhecimento científico é

compreendido de maneira holística. Nesse sentido, os docentes foram questionados sobre a compreensão que possuem da Geografia e se esta, contribui na formação crítica dos estudantes. A figura 3 apresenta a concepção dos docentes.

Figura 05 – Compreensão da Geografia e sua contribuição na formação dos discentes

Professor A	Professor B
<ul style="list-style-type: none"> • Vejo como uma maneira de viajar pelo mundo conhecendo um pouco do seu espaço, sua cultura e outros aspectos. Sim. 	<ul style="list-style-type: none"> • Geografia é uma ciência que abrange o espaço geográfico, no qual fazemos parte, que contribui com a formação do aluno na visão de espaço, do mundo.

Fonte: Produzido e organizado pelas autoras a partir do questionário aplicado aos professores, 2025.

O professor A, trata a Geografia como uma maneira de viajar o mundo, conhecendo as culturas. A Geografia nesse sentido é apresentada superficialmente e despolitizada. Milton Santos (1978) considera que o espaço geográfico é mais que uma paisagem ou local de viagem, mas se caracteriza como um conjunto de sistemas de ações e objetos. Com isso, essa visão da Geografia apenas como viagem turística ignora o papel fundamental que o espaço geográfico desempenha na formação das relações sociais, econômicas e políticas.

Milton Santos 1978, nos recorda que o espaço é um produto social, resultado de ações e objetos que se articulam de maneira complexa, e ao negligenciarmos essa complexidade, pode ocasionar a perda da compreensão das dinâmicas de poder e as injustiças que configuram o mundo em que vivemos. A Geografia, quando reduzida a uma simples descrição de lugares e culturas, perde a sua capacidade de inspirar mudanças significativas.

Ao mesmo tempo, o professor B considera que a Geografia contribui para a formação crítica dos estudantes, sua concepção se apresenta vaga, no sentido de apresentar o conceito de espaço geográfico como objeto de estudo da ciência geográfica. O professor ao considerar a Geografia como uma importante ferramenta na formação crítica entende que a disciplina não se limita a descrever lugares e fenômenos naturais, mas sim busca desenvolver uma consciência crítica sobre as relações que ocorrem no espaço geográfico.

O professor B ainda, considera que integramos este espaço, possibilitando a formação dos alunos com base em sua observação. Dessa maneira, ao fazer essa consideração o professor destaca a ideia de que o espaço geográfico não funciona apenas como um cenário passivo, mas sim um elemento ativo que influencia e é influenciado pelas nossas ações. Além disso, a

observação do espaço como base para a formação dos alunos enfatiza a experiência prática e a observação direta, é fundamental para a compreensão do papel da Geografia.

Quadro 2 - Os conceitos de alfabetização e letramento geográfico

Professores	Compreensão dos conceitos de alfabetização e letramento geográfico
Professor A	Sim, alfabetização entendo que seja o processo em que o indivíduo aprenda a ler, a escrever e consiga compreender. O letramento geográfico é ter o conhecimento da geografia, para distinguir alguns aspectos, exemplos: lugares (localização)
Professor B	Sim, leciono para os anos finais do ensino fundamental 6 ^a a 9 ^a anos.

Fonte: Produzido e organizado pelas autoras, a partir da aplicação do questionário aos professores, 2025.

É notório a importância de se conhecer o conceito de alfabetização e letramento geográfico, o que os torna ainda mais evidente quando analisamos as implicações da falta de compreensão desses conceitos por parte dos professores, ademais, se os professores não possuem uma compreensão clara do que significa ser alfabetizado ou letrado geograficamente, como poderá mediar os conhecimentos aos alunos de maneira eficaz? A falta de conhecimento sobre esses conceitos pode levar a uma abordagem superficial e limitada da Geografia impactando assim a formação crítica dos alunos.

Com isso, foi perguntado para o professor A e B se conheciam o conceito e sobre suas concepções em relação ao mesmo, ambos responderam, que conheciam o conceito. Assim, o professor A relatou que alfabetismo é a capacidade que uma pessoa tem de ler, escrever e compreende Moreira (1993 *apud* Schwartz, 2012, p. 24) afirma que,

O conceito de alfabetização se refere à habilidade de ler e escrever. Ler é ser capaz de se descentrar de suas ideias e pensamentos para acompanhar, compreender, analisar, julgar o pensamento do outro, buscar o significado por trás das palavras, ler também as entrelinhas.

Dessa maneira, é perceptível que o professor A de fato conhece o conceito, mas não o apresenta na complexidade em que na realidade, a leitura e a escrita se dão. Esta concepção do professor A se estabelece em um dos grupos apresentados por Silva e Braga (2001, p. 3) “os que entendem o processo de alfabetização como algo que tem um início e um final”. Este grupo se difere daqueles que compreendem a alfabetização para além do processo de escolarização, “os que ampliam esse entendimento para algo que acontece durante toda a vida” (Silva e Braga,

2001, p. 3).

Nesse sentido, o processo de alfabetização envolve o desenvolvimento de habilidades para decifrar signos alfabéticos, mas não apenas isso, decifrar elementos visuais e artísticos, assim como também matemáticos e espaciais, conforme Marques (2009, p. 35). De acordo com o conceito defendido por Marques (2009), decifrar o mundo por meio do espaço geográfico é tão importante quanto decifrá-lo por signos alfabéticos. A Geografia se torna ferramenta no entendimento do mundo, e por isso tem papel fundamental. Pereira (2003) destaca.

O ponto de partida para esse processo é a identificação dos elementos concretos no espaço, presentes em situações, escalas, lugares e tempos extremamente diversos. Dessa forma, para que a alfabetização em Geografia ocorra, é necessário que o aluno possa ler e compreender o espaço geográfico em suas diversas escalas e configurações.

A alfabetização geográfica é crucial para os alunos da EJAI porque os ajuda a entender seu espaço imediato (bairro, cidade) e a desenvolver senso crítico sobre o mundo. Fortalece a identidade local ao valorizar as vivências e a cultura desses alunos, conectando-os com sua herança e tornando-os agentes ativos em sua preservação.

Ainda nesta perspectiva, os professores foram questionados sobre a concepção que possuem acerca do conceito de letramento geográfico. O professor A afirma que se trata de obter conhecimentos da Geografia para distinção das coisas, como dos locais, a localização. O letramento geográfico vai além da simples localização de lugares no mapa, da leitura dos mapas; trata-se do desenvolvimento de habilidades e formas de pensar que permitem ao indivíduo compreender, interpretar e interagir criticamente com o espaço geográfico e suas complexas relações, conforme Callai (2005).

A linguagem cartográfica possibilita que o letramento geográfico/cartográfico aconteça, tornando possibilidade de leitura e compreensão do mundo em suas complexidades, nas relações estabelecidas entre os homens/mulheres, e também destes com a própria natureza. Neste sentido, o que se está em jogo, é o papel social da linguagem cartográfica e conseqüentemente, a aplicação dessas compreensões nos contextos sociais em que vivem os estudantes.

A concepção do professor A limita o conceito de letramento geográfico, a concepção de distinção dos locais, dá procura destes locais no mapa, “ler e escrever sobre o lugar de vivência é mais que uma técnica de leitura; é, sim, compreender as relações existentes entre os fenômenos que estão sendo analisados, caracterizando o letramento cartográfico”. (Castellar 2005, p. 4, *apud*, Tonon, 2023)

Em relação ao professor B, ao ser questionado sobre a alfabetização e letramento geográfico, foge do contexto no sentido de apresentar que suas aulas são ministradas no Ensino Fundamental anos finais, evidenciando, por um lado o desconhecimento dos conceitos e por outro de que estes conceitos estão relacionados apenas ao processo de leitura e escrita das palavras, o que para a Geografia e formação dos discentes pode representar uma lacuna

Diante disso, foi perguntado aos docentes a respeito das estratégias de ensino que utilizam na EJAI, assim como as dificuldades e desafios enfrentados pelos alunos em sala de aula em relação à aprendizagem da Geografia. O quadro 3 apresenta as respostas do professor A e B para cada questão.

Quadro 3 - As estratégias de ensino, principais desafios e dificuldades dos estudantes

Professores	Estratégias de ensino para o processo de alfabetização e letramento geográfico	Principais desafios no ensino	Dificuldades dos alunos, percebidas pelos professores
Professor A	Procuro trazer para a realidade do aluno, os temas trabalhados.	Identificação de mapas, vejo ser a maior dificuldade dos alunos, identificar onde fica certa região.	Dificuldades de assimilar identificar, principalmente quando trabalhado com outros países.
Professor B	No EJA trabalho com imagens, mapas, gráficos, apostilas dos conteúdos abordados, slides, vídeo aula, filme, leitura compartilhada, trabalho em grupo.	É lidar desmotivados, indisciplinados, alguns sem perspectiva de vida. Porém outros são bons alunos.	Embora todos carrega uma bagagem de conhecimento de mundo, porém não mostra interesse ensino aprendizagem escolar. Dificuldade em escrever e ler.

Fonte: Produzido e organizado pelas autoras, a partir da aplicação do questionário aos professores, 2025.

Sobre as estratégias para o ensino da Geografia na EJAI, o professor A leva em consideração a realidade do aluno nos temas trabalhados, dessa forma o professor incentiva o aluno na construção de seu próprio conhecimento, favorecendo para que eles compreendam os fenômenos geográficos que ocorrem a sua volta. Cavalcanti (2019) propõe que as metodologias de ensino sejam desenvolvidas mais próximas da realidade vivida pelos educandos, o trabalho com a própria cidade em que vivem, por exemplo, contribui na formação de cidadãos mais conscientes sobre o espaço público, tanto como direito quanto como responsabilidade.

Quando perguntado sobre os desafios enfrentados em sala de aula o professor A destaca a identificação dos mapas por parte dos alunos. A existência desta dificuldade reafirma a necessidade da alfabetização e letramento geográfico, enquanto processo contínuo. Surge a necessidade de se utilizar com maior frequência instrumentos metodológicos, como os mapas e também outras linguagens que possibilitem uma leitura para além da escrita, como as imagens, as próprias charges, destacando a importância do entendimento desses instrumentos para a compreensão e leitura do cotidiano para e pelos estudantes. Tonon e Matiazzi (2023, p. 2) apontam que,

Os princípios do raciocínio geográfico como a localização, a distribuição e a diferenciação são plenamente possíveis de serem desenvolvidos neste segmento educacional, a partir de perguntas, construção de maquetes, desenhos, leituras de mapas, de fotografias e de imagens. A respeito da importância dos desenhos, [...]

Dessa forma, quando se utiliza de diversos recursos metodológicos em sala de aula os alunos são levados a pensar a Geografia e suas próprias experiências de forma lúdica e interativa. Quando foi perguntado ao professor A sobre as dificuldades que percebe em relação a aprendizagem dos discentes menciona que seria em identificar e assimilar os conteúdos e temas, principalmente quando trabalhado com outros países. Assim, o professor enquanto mediador tem a possibilidade de estruturar sua aula de acordo aos conhecimentos prévios dos alunos e utilizando de diferentes recursos metodológicos. De acordo, Castellar, Vilhena (2010), é preciso pensar pedagogicamente os saberes geográficos de modo significativo, inovando os procedimentos e estabelecendo com clareza os objetivos.

O professor B sobre as estratégias de ensino que utiliza no ensino de Geografia na EJAI, aborda que trabalha com imagens, mapas, gráficos, apostilas dos conteúdos abordados, slides, vídeo aula, filme, leitura compartilhada, trabalho em grupo. É notório que o professor compreende a importância de trazer para a sala de aula diferentes instrumentos metodológicos para incentivar os alunos na construção do seu conhecimento. Segundo Sacramento (2012), o professor deve conscientizar-se do papel que recursos como textos, jornais, revistas científicas tem em sala de aula.

Quando questionado sobre as dificuldades e desafios enfrentados em sala de aula, o professor B fala sobre a desmotivação e indisciplina por parte dos alunos e dificuldades em ler e escrever, este último reafirma a ideia defendida por Marques (2009) de que a alfabetização e letramento da palavra também se concretizam processualmente, não pode ser considerado como algo mecânico e aligeirado, ainda mais para um público de adolescentes, jovens, adultos e

idosos, que tiveram em outros momentos, problemas em prosseguir a escolarização. No que tange à desmotivação desses alunos, cabe o incentivo e acolhimento em sala de aula, visto que os estudantes já possuem uma rotina durante o dia, trabalham, cuidam de casa, da família e vai para a escola a noite muitas vezes cansados e desanimados, como constata Munhoz e Santos (2014, p. 6).

Há ainda que se pensar que a maior parte dos alunos e alunas acumulam dupla ou tripla jornada, com uma rotina de trabalho, estudo e cuidados da casa e da família. Desse modo, praticamente os únicos momentos dedicados aos estudos são aqueles passados em sala de aula, fato a ser levado em conta no planejamento das aulas e atividades, para que toda turma tenha aproveitamento desejado e possa acompanhar os conteúdos.

Assim, na elaboração dos planos busca-se a otimização do tempo, para que os alunos consigam acompanhar os conteúdos em sala de aula e não serem prejudicados, visto que na EJAI temos uma diversidade de públicos. Diversas estratégias, metodologias de ensino precisam ser integradas para que a atenção dos alunos esteja voltada para o docente, variando entre aula expositiva, leituras, debates, exibição de vídeos, atividades escritas, análises de imagens, mapas, charges entre outros instrumentos pedagógicos que tornam as aulas mais dinâmicas, e principalmente, que a compreensão dos temas seja significativa.

Com isso, a persistência em diferentes níveis de analfabetismo, que atinge até mesmo aqueles que decodificam palavras, mas não conseguem interpretar textos mais complexos impõe um obstáculo significativo à plena cidadania e a participação crítica na sociedade. O público da Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI), com suas duplas e triplas jornadas divididas entre trabalho e família, frequentemente acumula um cansaço que se soma à defasagem educacional, necessitando de um acolhimento e de uma otimização curricular que reconheça e valorize seu repertório de vida.

Superar o analfabetismo, portanto, vai além da simples aquisição da escrita e da leitura, trata-se de um processo de letramento que capacite o indivíduo a se inserir de forma crítica e atuante no seu contexto social e político, transformando a realidade a partir do conhecimento. O letramento geográfico emerge como ferramenta essencial e profundamente relevante para os alunos da EJAI, estruturando a partir das noções cartográficas e do raciocínio espacial, permite ao estudante não apenas ler mapas e gráficos, mas, fundamentalmente, interpretar e compreender as transformações e as relações que moldam o espaço em que vive.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou compreender como a alfabetização e o letramento geográfico se configuram como ferramentas essenciais para o desenvolvimento da leitura espacial e da criticidade dos alunos na Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI), no município de Tanque Novo, Bahia. A pesquisa reforça a ideia de que a educação, especialmente a Geografia crítica, é um poderoso motor de transformação social. Ao longo do estudo, evidenciou-se que o ensino de Geografia não pode se limitar à mera descrição de elementos. Pelo contrário, deve atuar como um agente que permite ao aluno da EJAI, com sua bagagem de vida, conectar suas experiências cotidianas ao lugar vivido, as dificuldades do deslocamento, as lutas diárias por melhores condições de vida, utilizando para tal, as categorias geográficas como território, paisagem, entre outras.

O professor de Geografia emerge como o mediador fundamental neste processo, seu papel vai além da transferência de conteúdo, focando na criação de possibilidades para a construção do conhecimento. Na EJAI, essa mediação deve ser altamente contextualizada, flexível e inclusiva, utilizando os problemas concretos da comunidade como material didático para estimular o raciocínio geográfico e a capacidade de observar, comparar e, principalmente, intervir de forma crítica na realidade.

Os desafios do analfabetismo e do baixo letramento geográfico são um reflexo direto das disparidades educacionais e socioeconômicas históricas do país, afetando desproporcionalmente as populações menos favorecidas. A EJAI é tida, portanto, não apenas como uma modalidade de reparação histórica do direito à educação, mas como um espaço estratégico para o desenvolvimento da cidadania ativa. Com isso, o letramento geográfico possibilita ao aluno da EJAI não só ler um mapa ou uma paisagem, mas analisar o mundo de forma crítica, reconhecendo a produção do espaço, seus conflitos e contradições, e se posicionando como um agente consciente dos seus direitos e deveres.

A realização deste trabalho nos permitiu alcançar de maneira sucinta os objetivos propostos, contribuindo para uma compreensão mais profunda do papel da alfabetização e do letramento geográfico no desenvolvimento da leitura espacial dos alunos da EJAI. Foi possível entender o papel fundamental do professor de Geografia na construção da alfabetização e o letramento geográfico, reconhecendo as dificuldades enfrentadas nesse processo. Ademais, a pesquisa revelou a importância de abordagens pedagógicas que integrem a teoria e a prática, permitindo que os alunos desenvolvam uma compreensão crítica e reflexiva do mundo ao seu redor, mas principalmente, em seu local de vivência. Além disso, foi possível identificar como

a alfabetização e o letramento geográfico possibilita a leitura e o entendimento do mundo, capacitando os alunos a serem agentes ativos na sociedade.

Foi possível concluir com essa pesquisa que o analfabetismo e o letramento geográfico em Tanque Novo – BA revela um cenário complexo no ensino de Geografia na EJAI. O analfabetismo geográfico ainda é um desafio significativo para os professores que não são da área, como é demonstrado em suas respostas. Embora os professores de Geografia não sejam formados especificamente na área, eles demonstram compromisso e criatividade utilizando seus recursos e conhecimentos para tentar atender as necessidades dos alunos, mesmo diante das limitações e desafios enfrentados.

Diante do exposto, pesquisar sobre o analfabetismo e o letramento geográfico em Tanque Novo- BA foi uma experiência reveladora para nós, podemos reconhecer a importância desse ensino para o nosso município e para nossa própria história. Compreender como esses conceitos se entrelaçam com a realidade local permitiu uma visão mais ampla das necessidades e desafios enfrentados pelos docentes. O EJAI é uma modalidade de ensino que não oferece apenas oportunidades de formação, mas também contribui para o desenvolvimento local, capacitando cidadãos a participar ativamente e criticamente da sociedade. Essa compreensão reforça a relevância de políticas educacionais que valorizem a EJAI e promovam ações ao letramento geográfico reconhecendo positivamente a vida das pessoas e o futuro da sociedade.

Portanto, a realização deste trabalho demonstra a relevância da pesquisa para a melhoria da educação geográfica na EJAI, destacando a necessidade de investimentos contínuos na formação de professores e no desenvolvimento de materiais didáticos que promovam a alfabetização e o letramento geográfico crítico dos conteúdos de Geografia, adaptando aos desafios enfrentados no processo.

6 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Consuelo; SANTIAGO, Gilberto da Silva; FERREIRA, Geraldo Generoso. Práticas de Letramento na Educação de Jovens e Adultos: a importância da mediação docente. **Revista Educação Pública**, Rio de Janeiro, v.24, n° 3, 30 de janeiro de 2024. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/24/3/praticas-de-letramento-na-educacao-de-jovens-e-adultos-a-importancia-da-mediacao-docente>. Acesso em: 08/08/2025

BAHIA. Governo do Estado. **Bahia alcança liderança nacional em taxa de escolarização entre adolescentes de 15 a 17 anos**. Salvador, 13 jun. 2025. Disponível em: <https://www.ba.gov.br/comunicacao/noticias/2025-06/369968/bahia-alcanca-lideranca-nacional-em-taxa-de-escolarizacao-entre>. Acesso em: 14 nov. 2025.

BARBOSA, C. S. A Educação de Jovens e Adultos na perspectiva da formação humana: desafios no contexto das relações flexíveis de trabalho. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 14, n. 1, p. 63–76, 2019. DOI: 10.21723/riaee.v14i1.11114. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/11114>. Acesso em: 15 out. 2025.

BARCELOS, Valdo; **Educação de jovens e adultos: currículo e práticas pedagógicas**. Vozes, 3 ed. Rio de Janeiro, 2012.

BARRETO, Denise Aparecida Brito; SOUZA, Ester Maria de Figueiredo. Programa todos pela alfabetização/instituto imborés: sexta etapa. **Revista Tópicos Educacionais**, v. 21, n. 2, p. 28-46, 2015.

BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. **Cidadania e democracia**. Lua Nova. São Paulo, n.33, ago. 1994.

BEZERRA, Maria Alice de Souza; GOMES, Emanuela Januario; SILVA, Carla Thaís Nunes da; SANTOS, IannDellano da Silva. O ensino de Geografia na Educação para Jovens e Adultos (EJA): a perspectiva dos estudantes de três escolas municipais do Oeste Baiano. **Anais [...]** IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino, p. 1-19, 2011.

BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Cidadania, um projeto em construção: minorias, justiça e direitos**. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 1988.

BÍBLIA. Tradução de João Pereira de Almeida. São Paulo: Edição Revista e Corrigida, 2º ed. 2009.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Censo Escolar da Educação Básica 2018: Resumo Técnico**. Brasília, DF: Inep, 2018.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Plano Nacional de Educação PNE 2014-2024: Linha de Base**. – Brasília, DF: Inep, 2015.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Censo da Educação Básica 2023**: notas estatísticas.

BRASIL. Lei nº 10.172, de 9 de janeiro de 2001. **Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 10 jan. 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/lanca-pacto-nacional-para-valorizacao-da-eja> Acesso em 07 nov.2024/.

BRASIL. Ministério da Educação. **Compromisso Nacional Criança alfabetizada**. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/crianca-alfabetizada> Acesso em 26 set. 2024

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetizando sem o Bá-Bé-Bi-Bó-Bu**: Pensamento e Ação no Magistério. 1. Ed. São Paulo: Scipione, 1998.

CALLAI, H. C. Aprendendo a ler o mundo: a Geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. **Caderno Cedes**, Campinas, v. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ccedes/a/7mpTx9mbrLG6Dd3FQhFqZYH/?lang=pt&format=pdf>.

Acesso em: 15 de nov. de 2025.

CALLAI, H. C. O ensino de geografia: recortes espaciais para análise. In:

CASTROGIOVANNI, A. C. *et al* (Orgs.). **Geografia em sala de aula**: práticas e reflexões.

Porto Alegre: Editora da UFRGS/ Associação dos Geógrafos Brasileiros – Sessão Porto Alegre, 2003.

CARDOSO, Cristiane; QUEIROZ, Edileuza Dias de. Reflexão sobre o Ensino da Geografia–desafios e perspectivas. **Anais [...] XVIII Encontro Nacional de Geógrafos–A Construção do Brasil: geografia, ação, política e democracia**, v. 24, 2016.

CARNEIRO, Sônia Maria Marchiorato. Importância educacional da geografia. **Educar em Revista**, p. 117-120, 1993.

CARVALHO, Daniela Cardoso de. Alfabetização e letramento na EJA. **Revista Acadêmica Digital**, Minas Gerais, v. 60, n. 60, p. 1-13. 2023. Disponível em:

<https://souzaeadrevistaacademica.com.br/revista/60-abril2023/06-artigo-alfabetizacao-e-letramento-na-eja-revista-souza-ead.pdf>. Acesso em: 06\08\2025

CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social**: uma crônica do salário. Editora Vozes. Petrópolis, RJ. 1998.

CASTELLAR, Sonia; VILHENA, Jerusa. **Ensino de Geografia**. São Paulo: Cengage Learning. 2010.

CAVALCANTI, L. S. A geografia e a realidade escolar contemporânea: avanços, caminhos, alternativas. **Anais [...] I Seminário Nacional: Currículo em movimento – Perspectivas Atuais** Belo Horizonte, novembro de 2010. Disponível em: Acesso em:30 out. 2025.

CAVALCANTI, L. de S. **Pensar pela Geografia–ensino e relevância social**. Goiânia: C&A

Alfa Comunicação, 2019.

CAVALCANTI, L. S. Propostas curriculares de Geografia no ensino: algumas referências de análise. **Terra Livre**. São Paulo: AGB, n. 14, p. 125-145, jan.-jul., 1999.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Cotidiano, mediação pedagógica e formação de conceitos. **Cad Cedes**, Campinas, vol.25, n.66, p. 185-207, 2005. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 12 nov. 2024.

DEL PINO, M. Política educacional, emprego e exclusão social. In: GENTILI; P.; FRIGOTTO, G. **A cidadania negada: políticas de exclusão na educação e no trabalho**. 3. ed. - Rio de Janeiro: Cortez [Buenos Aires, Argentina]: CLACSO, 2002

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo, SP: Autores Associados: Cortez, 1982.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 54ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra. 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1974.

GIROTTTO, Eduardo Donizeti. A Geografia da e na escola: construindo novas agendas de pesquisas e de lutas. **Estudos Geográficos: Revista Eletrônica de Geografia**, v. 16, n. 2, p. 156-175, 2018.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. Sobre territórios, escalas e responsabilidade. In: HEIDRICH, Álvaro Luiz; COSTA, Benhur Pinós da; PIRES, Cláudia Luisa Zeferino; UEDA, Vanda (Org.). **A emergência da multiterritorialidade**: a resignificação da relação do humano com o espaço. Canoas: Ed. ULBRA; Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2008.

GRAMSCI, A. **Os Intelectuais orgânicos e a organização da cultura**. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Cidades e Estados**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ba/tanque-novo.html>. Acesso em: 08 de Out. 2025

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Censo Demográfico 2022**. Rio de Janeiro: IBGE. 2022. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br>. Acesso em: 10 de set. 2025

KLEIMAN, Ângela. (Org.) **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, 1995. 294p

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**- 5. ed. - São Paulo: Atlas 2003.

Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB.** Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23.12.1996.

MANFIO, V.; DORNELLES SEVERO, M.; WOLLMANN, C. A. Educação e Geografia Escolar: os Dilemas, Desafios e o Papel do Professor na Construção do Conhecimento. **Perspectiva Geográfica**, [S. l.], v. 11, n. 14, p. 63–73, 2016. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/pgeografica/article/view/15714>. Acesso em: 20 fev. 2025.

MARQUES, Valéria Maria. **Alfabetização geográfica: o Ensino de Geografia nas séries iniciais do Ensino Fundamental.** 2009. 137 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Geografia) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

MINAYO, Maria Cecília; de Souza DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Editora Vozes, 2011.

MIRANDA, Ricardo Ferreira. O ensino de geografia: perspectivas atuais. **Revista Tocantinense de Geografia**, v. 4, n. 5, p. 34-49, 2015.

MORAIS, Artur Gomes de; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de. Alfabetização e letramento. **Construir Notícias.** Recife, PE, v. 07 n.37, p. 5-29, nov/dez, 2007.

MORESI, Eduardo *et al.* Metodologia da pesquisa. **Brasília:** Universidade Católica de Brasília, v. 108, n. 24, p. 5, 2003.

MORTATTI, M. do R. L. **Educação e letramento.** São Paulo: Ed. Unesp, 2004.

MOURA, Euvania Máira Silva, **Alunas trabalhadoras na educação de jovens e adultos (EJA): o processo de escolarização e as perspectivas de trabalho.** Caetité, 2022.

MUNHOZ, Rodrido; SANTOS, Victor H. Calejon. **Desafios do ensino de geografia na educação de jovens e adultos: reflexões sobre as práticas desenvolvidas no estágio obrigatório de licenciatura em geografia.** NEPEGeo, 2014.

OPAS. Organização Pan-Americana da Saúde. **OMS afirma que COVID-19 é agora caracterizada como pandemia.** Disponível em: <https://www.paho.org/pt/news/11-3-2020-who-characterizes-covid-19-pandemic> Acesso em: 06 out. 2024.

OPAS. Organização Pan-Americana da Saúde. **OMS declara emergência de saúde pública de importância internacional por surto de novo coronavírus.** Disponível em: <https://www.paho.org/pt/news/30-1-2020-who-declares-public-health-emergency-novel-coronavirus> Ver referência da ONU. Acesso em: 06 out. 2024.

ORSO, Paulino José. A Educação na Sociedade de Classes: Possibilidades e Limites. In: ORSO, Paulino José. GONÇALVES, Sebastião Rodrigues. MATTOS, Valci Maria (Org.). **Educação e Luta de Classes.** São Paulo, Expressão Popular, 2008.

PAIVA, José Maria de. **Educação Jesuítica no Brasil Colonial.** In: LOPEZ, Eliane Marta Teixeira (org.). 500 Anos de Educação no Brasil. 3. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PEREIRA. Paisagens, lugares e espaços: a geografia no ensino básico. **Boletim Paulista de**

Geografia, São Paulo, n 79, p. 9-21, jul. 2003.

PETSHC, C. Mapeamento colaborativo como estratégia de ensino de cartografia: um relato de experiência com o aplicativo Canvis. **Revista Ensino de Geografia**. 2022

RAMOS, Mozart Neves. **Analfabetismo**. Jornal do Comércio, 20 set. 2021. Disponível em: https://www.ufpe.br/agencia/artigos/-/asset_publisher/560IJ2hfNESM/content/analfabetismo/40627. Acesso em: 07 nov.2024.

Raquel professorinha, Tanque Novo, 5 out. 2010. Disponível em: <http://raquelprofessorinha.blogspot.com/2010/05/historico-de-tanque-novo.html>. Acesso em: 13 nov. 2023.

RAUL SEIXAS. "**Prelúdio**". In: Gita. 1974. Lançamento: 1974

RÉGIS, Tamarade Castro. Educação geográfica e acolhimento na Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJA). **Revista Triângulo**, v. 17, n. 1, p. 77-96, 2024.

ROMÃO, Emanuele Aparecida Tais Bacciotti, **Alfabetização e letramento em geografia: O estudo do espaço nos anos iniciais**. Rio Claro, 2019.

SABINO, Fernando. **O encontro marcado**. (Romance) 82. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006 (Edição comemorativa dos 50 anos de publicação).

SACRAMENTO, Ana Claudia Ramos. Diferentes linguagens na educação geográfica da cidade rio de janeiro. **Revista Continentes (UFRRJ)**, n. 1, 2012. Rio de Janeiro.

SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica**. São Paulo: Hucitec, Edusp, 1978.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**. Record, 2023.

SCHWARTZ, Suzana; **Alfabetização de jovens e adultos: teoria e prática**. Vozes, 3 ed. Rio de Janeiro, 2013.

SILVA, Lianzi dos Santos. **Mulheres em cena: as novas roupagens do primeiro damismo na assistência social**. 2010.

Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=15501@1> Acesso em: 03 nov. 2024.

SILVA, Maria Ferreira; SILVA, Edimilson Gomes. O ensino da Geografia e a construção dos conceitos científicos geográficos. **Anais [...] VI Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"**, p.1-15, 2012. Disponível em:

<https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/10180/7/6.pdf>. acesso em 20 Fev. 2025

SILVA, R. B. S; BRAGA, M. C. B. **Alfabetização na disciplina geográfica: uma discussão necessária**. Sitientibus, Feira de Santana, n. 25, p. 117-128, jul./dez. 2001.

SOARES, M. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998

SOUSA, Deysiane Alves de. Reflexões sobre o papel do professor de Geografia na formação cidadã do aluno. **Anais do Encontro Regional de Ensino de Geografia**, p. 129-137, 2021.

SOUZA, Leticia Dias de. **Dificuldade na alfabetização e letramento de jovens e adultos**. 2021. 56 f. Monografia de Graduação - Curso de Licenciatura em Pedagogia, Universidade Federal do Tocantins, Arraias, 2021. Disponível em:
<https://repositorio.uft.edu.br/handle/11612/3338>. Acesso em: 16 mar. 2025.

SOUZA, V. L. A. A. A Importância do Letramento Cartográfico nas Aulas de Geografia. In: VI CONGRESSO LATINO AMERICANO DE COMPREENSÃO LEITORA, 6., 2013, Formosa – GO. **Anais[...]** Formosa – GO: 2013. p. 499 – 506.

SOUZA, Vânia Lúcia Costa Alves. Importância do letramento cartográfico nas aulas de Geografia. In: **Anais do Congresso Latino-Americano de Compreensão Leitora-Jaime Cerrón Palomino** (ISSN 2359-5558). 2013. p. 499-506.

TONON, Juliano Torezani; MATIAZZI, Shellen de Lima. **Entre mapas, histórias, mundos efabulações**: o Letramento Cartográfico na Educação Infantil. Associação dos Geógrafos Brasileiros – AGB. São Paulo.

WEISZ, T. (2000). **O diálogo entre o ensino e a aprendizagem**. São Paulo: Ática.

7 APÊNDICE

APÊNDICE A - Questionário aplicado aos professores de Geografia



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA-UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS –DCH – *CAMPUS VI*
COLEGIADO DE GEOGRAFIA

Discentes: Daiane Silva Oliveira e Vera Lucia Santos Cruz

Questionário dos professores de Geografia

1-Possui Graduação em Geografia? Há quanto tempo atua na docência?

2- Qual a sua jornada de trabalho? Você considera que possui tempo hábil para preparar suas aulas de Geografia?

3- Para você, qual a importância da Educação de Jovens, Adultos e Idosos?

4-Como você vê e compreende a Geografia? Você acredita que a Geografia contribui para a formação crítica dos alunos?

5- Você conhece o conceito de alfabetização e letramento geográfico?

() Sim () Não

Caso sua resposta seja positiva, apresente sua percepção sobre os conceitos.

6- Quais estratégias de ensino você utiliza no processo de alfabetização e letramento geográfico?

7- Quais são os principais desafios que você enfrenta no ensino da Geografia, mais especificamente no processo de alfabetização e letramento geográfico dos alunos?

8- Quais as dificuldades apresentadas pelos alunos e perceptíveis durante o processo de ensino e aprendizagem da Geografia?

9. ANEXO

ANEXO A- Declaração de (não) uso de inteligência artificial



DECLARAÇÃO DE (NÃO) USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Eu, Daiane Silva Oliveira e Vera Lucia Santos Cruz estudantes do curso de Licenciatura em Geografia da UNEB, Campus VI, Caetité, declaro para os devidos fins, que o trabalho de conclusão de curso (TCC) intitulado, ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO GEOGRÁFICO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS, ADULTOS E IDOSOS EM TANQUE NOVO – BAHIA é de nossa autoria.

Considerando que recursos de inteligência artificial **não devem ser utilizados na escrita/produção da redação final do trabalho** de conclusão de curso, declaro também que durante a produção do texto:

NÃO houve o uso de inteligência artificial

SIM, houve o uso de Inteligência artificial. (Neste caso, informe abaixo o uso que foi feito e quais recursos foram utilizados, sabendo que a IA **não deve ser utilizada para escrita do texto**)

A Inteligência artificial foi usada no texto para:

- revisão linguística do texto
 elaboração de imagens e gráficos
 tradução
 Outros (especificar) _____

Cite os recursos de IA que foram utilizados (ex: Chat GPT)

Caetité, 13/ 01/ 2026.

Daiane Silva Oliveira - 062210077 \ Vera Lucia Santos Cruz - 062210177

Nome do (a) Discente – Nº de Matrícula

ANEXO B- Declaração de inexistência de plágio



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
Autorização Decreto nº 9237/86. DOU 18/07/96. Reconhecimento: Portaria 909/95, DOU 01/08-95
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - DCH
CAMPUS VI - CAETITÉ/BA

DECLARAÇÃO DE INEXISTÊNCIA DE PLÁGIO

Nós, Daiane Silva Oliveira e Vera Lucia Santos Cruz estudante do curso de Licenciatura/Bacharelado em Geografia da UNEB, Campus VI, Caetité, declaro para os devidos fins, que o trabalho de conclusão de curso (TCC) intitulado, Alfabetização e Letramento Geográfico na Educação de Jovens, Adultos e Idosos em Tanque Novo – Bahia é de nossa autoria. Declaro ainda que os trechos e citações de terceiros presentes no texto estão devidamente referenciados conforme a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), e que assumo inteira e total responsabilidade em caso de identificação de plágio, sujeitando-me às penas previstas no Código Penal Brasileiro.

Caetité, 13 /01 / 2026

Daiane Silva Oliveira - 062210077 / Vera Lucia Santos Cruz - 062210177

Nome do(a) Discente – Nº de Matrícula